

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESTANÇIA DE TURISMO

1938

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1938

2.ª EDIÇÃO

*Figueiras  
dos  
Pinhos*



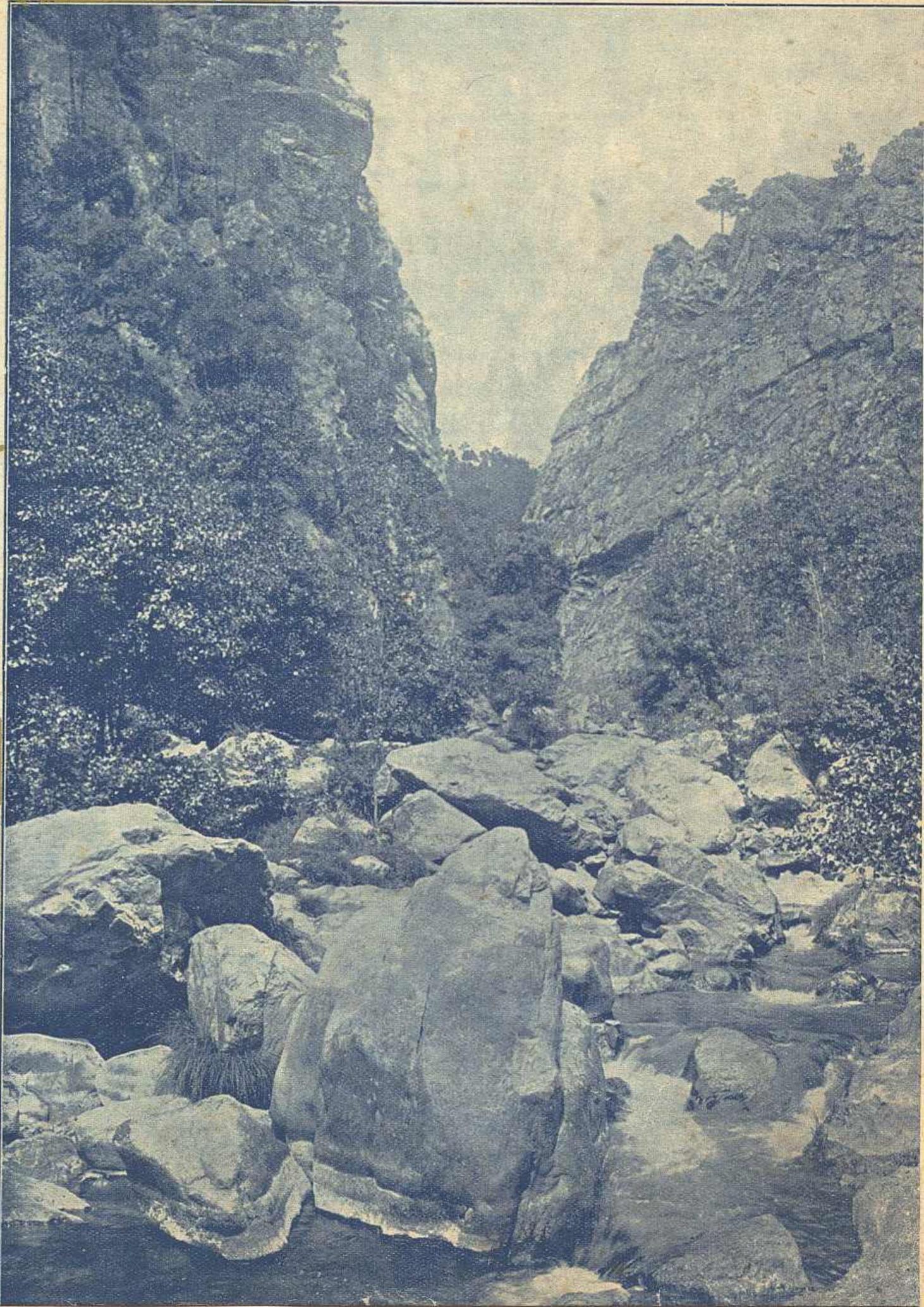
ESTAN

CIA

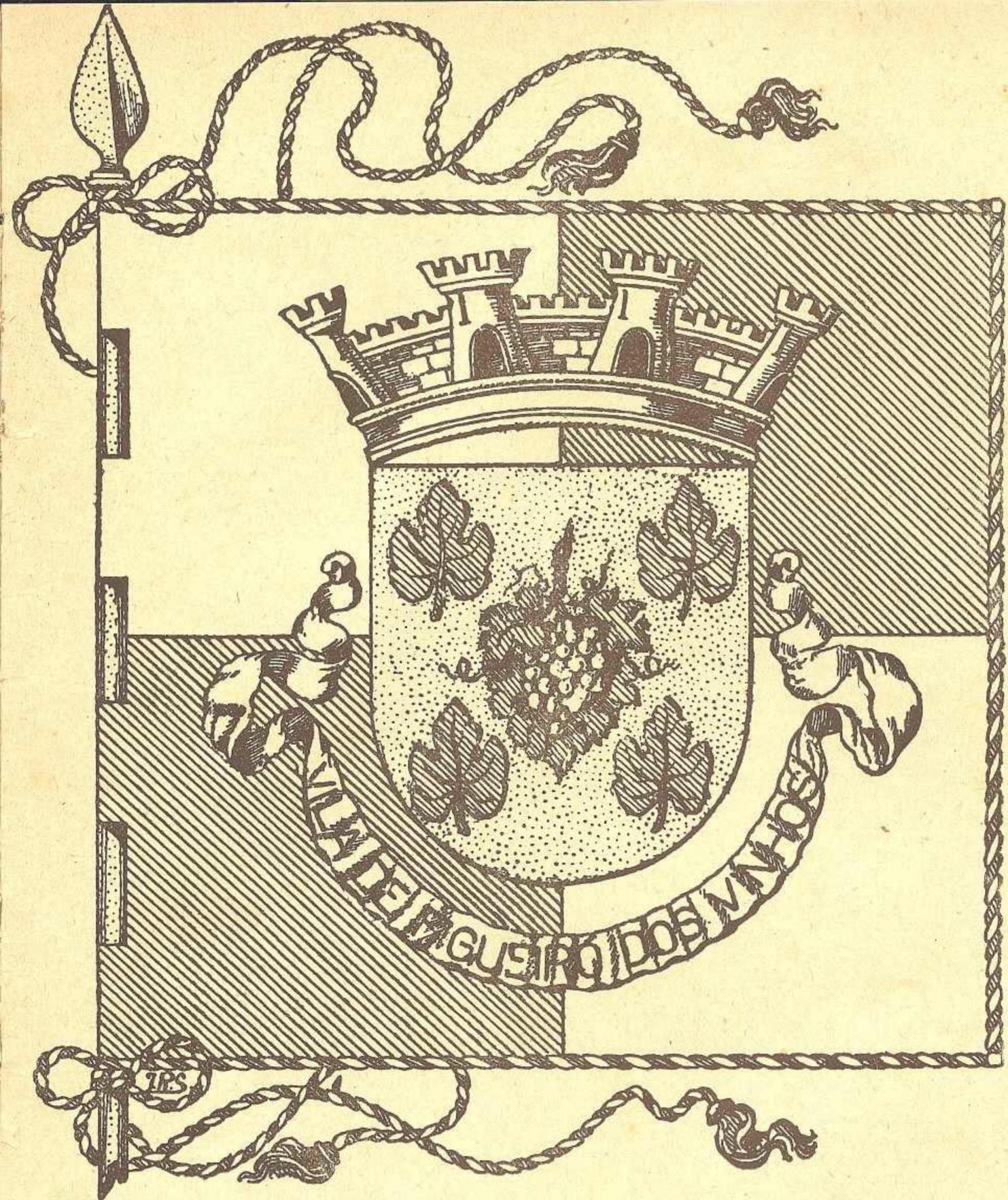
O DE

TURIS

MO







# Figueiró dos Vinhos

ESTÂNCIA  
DE  
TURISMO

## CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

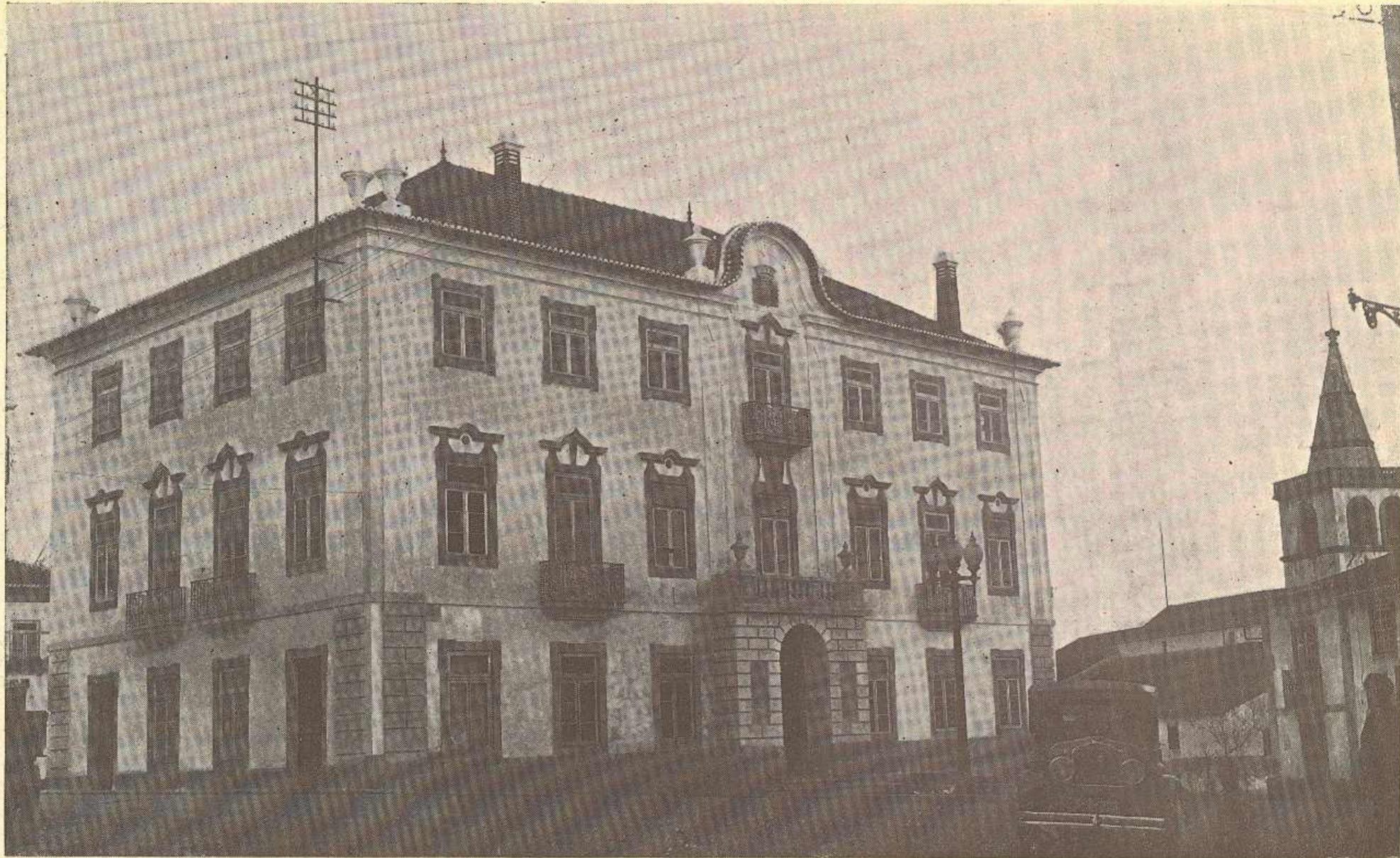
ARMAS: — de ouro com um cacho de uvas de prata assente no folhado de verde e sustido do mesmo, acantonado por quatro fôlhas de figueira, também de verde. Coroa com os dizeres "Vila de Figueiró dos Vinhos", a negro.

( PORTARIA Nº 8559, DE 27-11-1936 - MINISTRO, DR. MÁRIO PAIS DE SOUSA.  
ANUÁRIO - 29º ANO - 1936, PAG. 653 )

---

ESTE ALBUM FOI EDITADO PELA COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS. — REALIZOU-O NO SEU ASPECTO GRÁFICO E LITERÁRIO JORGE SIMÕES. — MANUEL RIBEIRO FEZ OS DESENHOS. — FOI IMPRESSO NAS OFICINAS DA CASA PORTUGUESA, RUA DAS GÁVEAS, 103, LISBOA. — FICOU CONCLUÍDO EM SETEMBRO DE 1938.

---



Edifício dos Paços do Concelho de Figueiró dos Vinhos, edificado em 1935 sob a égide do Estado Novo, destruído por um incêndio em 1937 e agora em via de reconstrução

# O TURISTA DEVE VISITAR NA VILA E NA REGIÃO OS SEGUINTE PONTOS:

**Igreja Matriz** — que possui belas esculturas e telas de Simões de Almeida (Tio) e Malhóa, bem como outras preciosidades descritas neste album de turismo.

**Igreja da Misericórdia** — com várias obras de arte.

**Torre Sineira** — Construída em 1552 e que possui uma curiosa inscrição.

**Novo Parque** — Construído pela Comissão de Iniciativa, com amplitude e grandeza, num moderno sentido de urbanização.

**Novo Jardim Público** (próximo dos Paços Municipais) — Construído também pela mesma entidade.

**Cabeço do Peão** — Local encantador, a 539 metros de altitude e de onde se disfruta um panorama admirável.

**Fragas de S. Simão** — próximo da vila e junto à Ribeira de Alge — Único no país pela sua beleza selvagem e maravilhosa. Superior aos Cabris do Zézere e do Ceira. Mais pitoresco que as gargantas do Corgo e do Rabagão.

**Ponte da Bairrada** — Sobre o Zézere — Local pitoresco, onde se realizam numerosas excursões. O rio corre tendo por margem direita o distrito de Leiria e por margem esquerda a Beira Baixa. O panorama é encantador.

**Foz de Alge** — Confluência da Ribeira de Alge com o Zézere, a 7 quilómetros da vila. Local aprasível, pitoresco, onde existem as ruínas duma fábrica de fundição de ferro do tempo do Marquês de Pombal.

**Serra de São Neutel** — Excursão maravilhosa até ao cume, a 543 metros de altitude. Ao fundo da encosta corre a Ribeira de Água de Alta. A excursão é feita através das encostas que Malhóa celebrizou nas suas telas.

**Triângulo de Turismo Figueiró - Castanheira - Pedrógão Grande** — Magnífica excursão através de boas estradas arborizadas e onde abundam os locais com excelentes pontos de vista. Em Castanheira, visitar qualquer fábrica de fiação de tecidos de lã. No Pedrógão vêr o Cabril do Zézere. (Itinerário descrito na 4.<sup>a</sup> pág. da capa deste album).

Vêr ainda, na vila, o Club Figueirense, — onde existe uma preciosa escultura de Camões, oferta de Simões de Almeida (Tio) — a Associação Comercial e Industrial, pontos de reunião nocturna onde o forasteiro é bem acolhido. A Associação dispõe de uma cabine pública telefónica ligada à rede geral do país; alguns magníficos edifícios de boa arquitectura em estilo nacional, e o «Casulo», onde viveu e morreu Mestre Malhóa.

Na vila de Chão de Couce, entre Figueiró e Ancião, está um retábulo da Virgem, que foi a última obra que este insigne mestre pintou.

A Comissão Municipal de Turismo presta tôdas as indicações por escrito ou verbalmente aos turistas que visitem a região. Basta para isso dirigir-se, pelo correio, ao respectivo presidente.

Na vila há automóveis de aluguer para excursões e facilidades de instalação. Existem carreiras regulares de auto-carros, confortáveis, entre a vila e a estação de Pombal (linha do Norte) quer ao «rápido», quer ao «correio» da manhã.

Também há 2 carreiras diárias para Lisboa; uma parte de Pedrógão Grande, outra de Castanheira de Pera, passando em Figueiró às 7 e 8 horas da manhã; de Lisboa saem às 8 e 9 horas, chegando a de Pedrógão a esta vila às 14 e meia horas e a de Castanheira de Pera às 17 e meia horas.

A empresa possui óptimos carros e tem a sua sede nesta vila: — Barreiros & Pissaz, telefone n.º 6.

Para Coimbra há também uma carreira diária, saindo de Figueiró às 6 e meia horas, chega a Coimbra às 9, parte de Coimbra às 16 e regressa a Figueiró às 18 e meia.

# FIGUEIRÓ DOS VINHOS

## ESTÂNCIA DE TURISMO

---

**E**NCONTRA-SE esta vila e admirável estância de turismo situada na região da Beira Litoral a N. O. da cidade de Leiria, a cujo distrito administrativo pertence, distando 72 quilómetros da cidade capital e 63 de Coimbra.

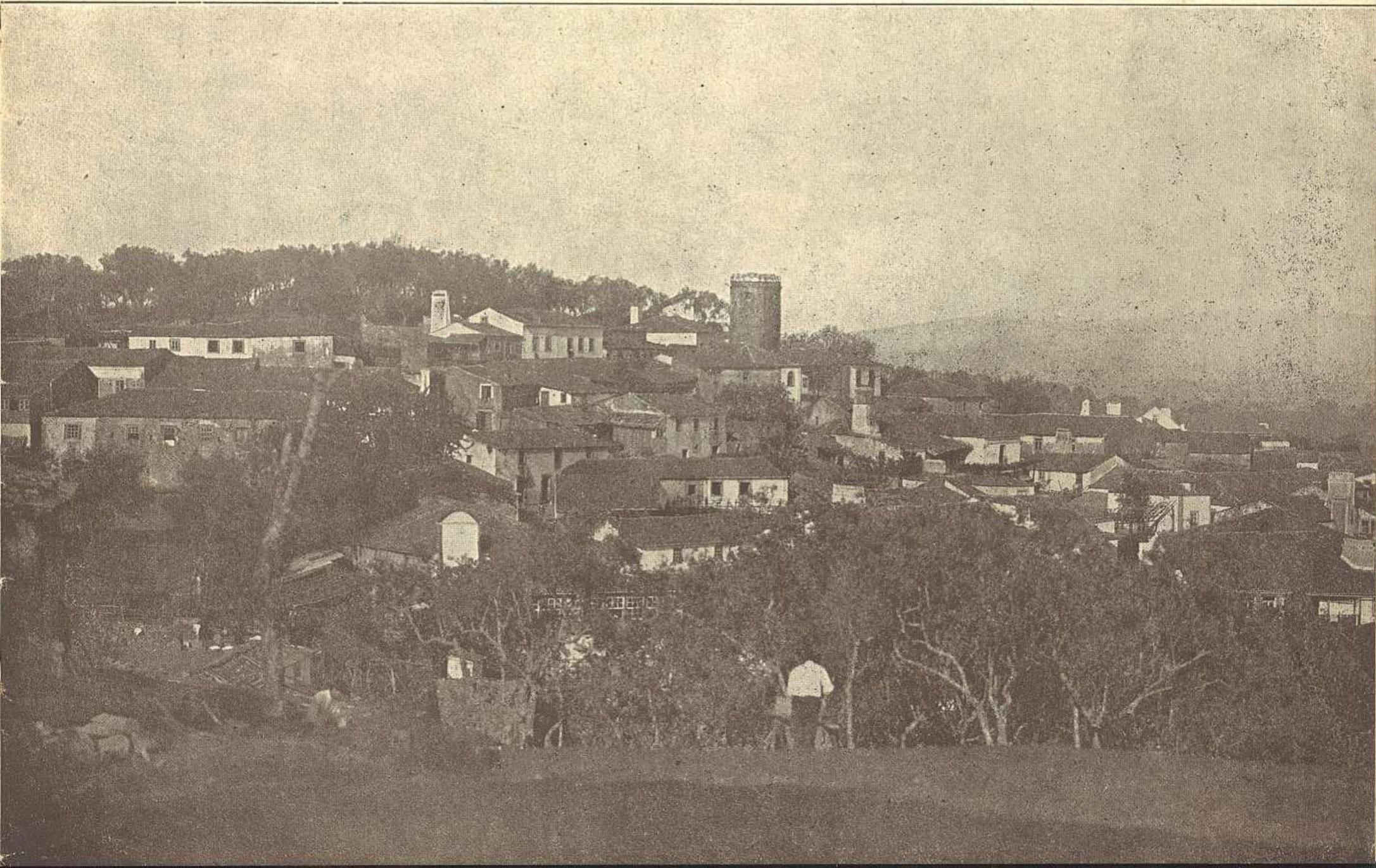
Constitue a vila, com as freguesias de *Aguda*, *Arega* e *Campelo*, um dos mais ricos, prósperos e importantes concelhos de todo o distrito, com uma população avaliada em 11.067 habitantes, sendo 5.149 na vila, lugares e casais que a cercam, pelo censo de 1930, mas que hoje está muito aumentada segundo as estatísticas demográficas locais e o censo eleitoral que cada vez acusa em mais alta escala o número de cidadãos votantes.

Está incorporado o concelho, eclesiàsticamente, no bispado de Coimbra.

É comarca de 3.<sup>a</sup> classe, desde 1865, servindo os concelhos limítrofes de Castanheira de Pera e Pedrógão Grande.

A sua rêde de comunicações, por via ordinária, está hoje bastante desenvolvida, sendo de fácil acesso quer pelo lado da Beira Baixa, através da estrada que liga Figueiró por sôbre o Zézere, com Sernache do Bom Jardim; directamente com Coimbra pela estrada Figueiró, Pontão, Penela, Condeixa e Coimbra; por Sertã e Sernache do Bom Jardim. Tôda esta rêde de estradas põem a vila em óptima comunicação com o norte e o sul do país. Para os excursionistas idos de Lisboa, apresentam-se duas rotas, qual delas a mais prática e interessante. A primeira, por Tôrres Vedras, Bombarral, Caldas da Rainha, Alcobaça, Aljubarrota, Batalha, Leiria, Pombal, Ancião e

Vista parcial da vila descendo pitorescamente pela encosta



Figueiró — atravessando a nossa mais admirável e monumental zona de turismo.

A segunda, que vai por Santarém a Tomar e daí por Cabaços, Pontão, Figueiró; ou Tomar, Sernache, atravessando o rio Zézere na nova ponte da Bairrada e chegando por Aldeia Cimeira a Figueiró.

Existem ainda estradas de ligação para Lousã — estação que liga Figueiró com o norte, pela linha deste nome — e para Condeixa, por Penela, chegando-se rapidamente a Coimbra ou à Figueira da Foz.

Através do caminho de ferro servem a região as seguintes estações: a de Pombal, na linha do norte, onde têm paragem todos os combóios ascendentes e descendentes, inclusivé os *rápidos* de Lisboa-Pôrto e Pôrto-Lisboa. Figueiró dos Vinhos serve-se das estações de Pombal e Tomar para a exportação e importação das suas mercadorias, estando também ligada por carreiras diárias de camionetas para passageiros com estas duas estações.

A primeira fica a cêrca de 50 quilómetros (três quartos de hora de automóvel) e a segunda a cêrca de 45 quilómetros.

Graças à nova estrada que foi aberta através da serra,

serve hoje Figueiró dos Vinhos a estação da Lousã, que fica a 41 quilómetros de distância.

Não só a vila, como tóda a região constituem um lugar privilegiado para o repouso sadio e fortificante, para os turistas que se extasiam, na paz doce dos campos e com as maravilhas da pródiga natureza.

É ali — diz o «Guia de Portugal» — um lugar eleito para repouso e peregrinações.

São os campos férteis, sombreados por pinheiros, eucaliptos, castanheiros e olivais.

Descem para os vales, despenhando-se em multiplas cascatas irisadas, numerosas ribeiras que cantam, num rumor de águas vivas, fazendo mover azenhas primitivas e prósperas fábricas de fiação de tecidos.

O Zézere corre, em apertado leito, por entre uma paisagem de beleza imponente e selvagem — inigualável.

Há campos de milho, no fundo dos vales, e vinhedos imensos, carvalhos, cerejeiras e figueiras nas encostas junto da vila.

Pontes rústicas, lançadas sôbre as ribeiras, dão ao ambiente um aspecto cénico e teatral.

Uma das avenidas da vila de Figueiró dos Vinhos





O túmulo de Ruy Mendes Vasques, na Igreja Matriz

Há flôres mimosas pelas sebes e valados e um perfume suavíssimo envolve tudo e todos.

Os aldeões cultivam a terra com carinho e ternura, abrindo os valados das regas e saüdando desbarretados o visitante que passa.

Numerosas são as aldeias disseminadas pelas colinas. E algumas ostentam nomes pitorescos, cantantes, que soam bem aos nossos ouvidos e cuja etimologia é desconhecida, talvez para os próprios habitantes.

Aldeia Cimeira, Aldeia Fundeira, Ana de Aviz, Vila de Chão de Couce, Pousa Flôres, Lavandeira e muitas mais.

Mas não é só a região de maravilha que estamos focando que trouxe a Figueiró o justo título de estância de turismo.

A própria vila, extraordinariamente desenvolvida e modernizada, nos últimos anos, merece bem uma demorada visita, pois encerra múltiplas preciosidades dignas de relêvo e atenção.

É limpa e muito lavada de ares, tendo um sentido geral de estética e urbanização que não é fácil encontrar em muitas mais.

Destacam-se ali muitas edificações de bom estilo erigidas com fino recorte arquitectónico e entre as quais recordamos as que se denominam do «Padre Arcipreste» — em fino estilo português — e o «Casulo», do saüdosos mestre Malhõa.

A igreja paroquial é também um templo digno de menção.

A fachada é elegante, com a sua tórre ponteguda, num sentido de equilíbrio justo.

O portal é caracterizado pelo estilo Renascença, tendo em cima, num nicho, a imagem do padroeiro — S. João Baptista — devida ao cinzel de Simões de Almeida (Tio), que de Figueiró foi natural.

Dentro, o templo, que é de remota antiguidade, abre-se em três naves de cinco tramos sendo a abóboda sustentada por oito formosas colunas graníticas, com muita elegância e si-

metria. Tem a igreja seis altares. O altar-mór possui finíssima talha doirada, em estilo D. João V, que serve de *encadrement* ao magnífico quadro de mestre Malhõa, quadro que tem 4<sup>m</sup>,70 de alto por 2<sup>m</sup>,70 de largo e representa o «*Baptismo de Cristo*».

Só êsse quadro, que é obra prima do mestre, merece uma detalhada e minuciosa observação do visitante. Êste chegará ao final sem saber que mais há-de admirar: se a poesia sobrenatural que dimana das duas figuras, se as tonalidades suavíssimas que encerra o bíblico ambiente da obra.

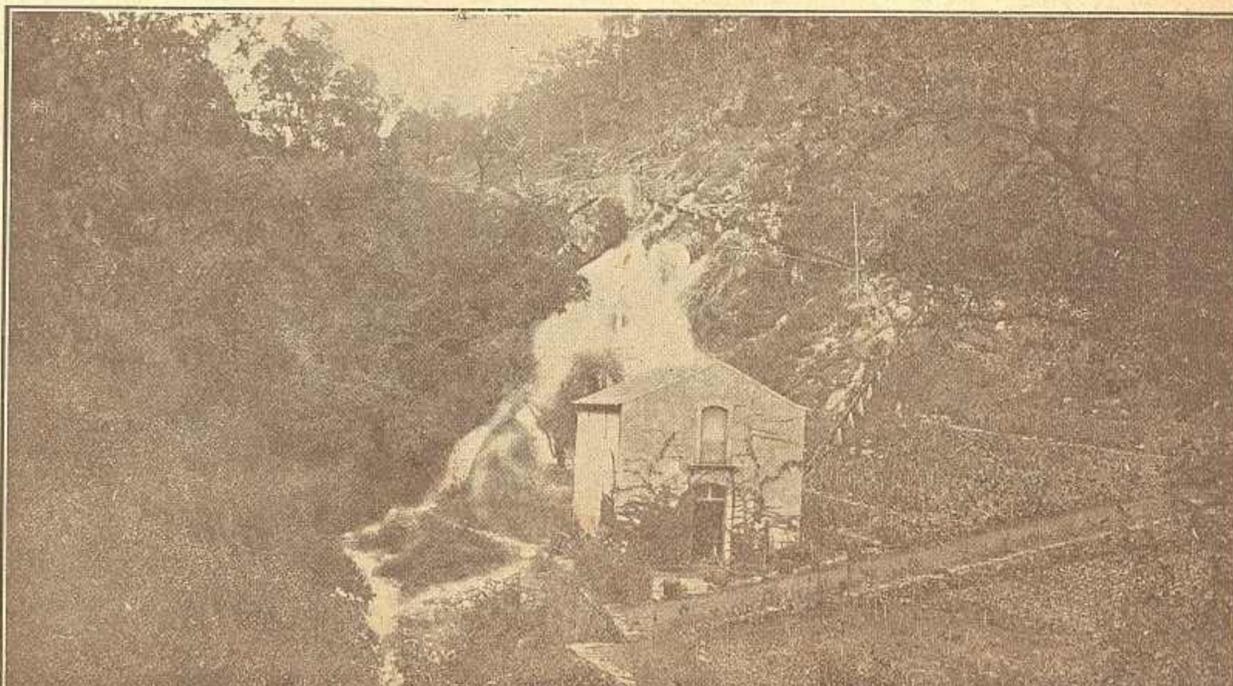
Num outro altar está a imagem do «Senhor Jesus da Agonia», um Cristo precioso, que Simões de Almeida esculpiu e mestre Malhõa encarnou, Cristo que está reproduzido na capela de Herculano, no Mosteiro dos Jerónimos. Ainda nêste altar e servindo de fundo à escultura sagrada, está um retábulo de Malhõa, de tons sombrios, alucinantes, reproduzindo o Calvário e vendo-se ao longe, num último plano, as cruces dos que acompanharam o Divino Jesus no suplício.

Na igreja matriz patenteiam-se ainda: uma imagem, gótica, da Santíssima Trindade, que é preciosa relíquia do século XII; sumptuosos painéis de azulejos do século XVII (1716), representando cenas bíblicas, as melhores que existem em tôda a Beira Litoral; um cofre de prata cinzelada, graciosa e finamente trabalhado por artífices indianos; no côro um órgão datado de 1689; uma pia de água benta que foi cinzelada pelos canteiros locais.

Ainda nêste templo, à entrada, do lado direito, está o túmulo de D. Ruy Mendes Vasques e de sua mulher, com a seguinte inscrição:

*Aqui jaz o muito honrado cavaleiro D. Ruy Mendes Vasques, filho de Ruy Mendes de Vasconcelos, neto de Gonçalves Mendes e D. Tereza Ribeiro — de D. Violanta de Sousa, sua mulher, filha de D. Loço Dias, mestre de Cristo, neta de D. Alvaro Dias de Sousa e de D. Mecia, irmã da Rainha D. Leonor; os quais Jorge Rodriguez de Vasconcelos, seu filho, herdeiro, fez para aqui trasladar na era de N. S. Jesus Christo, de 1456.*

A central hidro-eléctrica na Lapa da Moura



O túmulo é de pedra lavrada, do princípio do século XV. Além de outros ornatos, muito formosos, vêem-se os braços de armas das famílias dos nobres falecidos, amparrados por figuras esculpidas em alto relêvo, assentando o sarcófago sobre quatro cabeças de leões.

Eis a descrição sucinta da igreja matriz de Figueiró dos Vinhos, que é preciosa, como se disse, sob todos os aspectos.

Mas o passado, embora em monumentos de menor importância, deixou ali gravadas diferentes épocas.

Numa antiga torre — que se supõe fundada pelos moiros — fez seu solar o 1.º Marquês de Castelo Melhor, neto do famoso e sábio ministro de D. Afonso VI.

E dêsse castelo, hoje perdido, ainda se vislumbram algumas denegridas e quâsi despercebidas ruínas.

Existe também uma torre contígua ao edifício da antiga cadeia, que foi erguida no ano da graça de 1555 e tem esculpida a seguinte inscrição deveras curiosa:

*Esta torre foi mandada construir em 1552, sendo juizes D. Diogo da Aguda e Garcia Rodrigues; vereadores Nuno Martins e Afonso Esteves; e procurador Pedro Rodrigues, estando o vinho e o pão a 70 reis.*

Tal como se descreve na parte de Figueiró antigo, inserto noutra local dêste album, pode verificar-se da existência, no passado, de outros templos e estabelecimentos monásticos que se perderam na sua traça primitiva, vítimas das rudezas inclementes dos tempos e de sucessivas adaptações a outros fins.

Assim, dão-no conta velhos documentos, que o vigário-frei António de Évora, auxiliado por D. Pedro de Alcáçovas e Vasconcelos, instituíram um convento de freiras carmelitas no ano de 1601.

Quatro senhoras da vila de Figueiró — D. Izabel da Conceição; D. Ana de Jesus; Justina do Salvador e Catarina da Conceição — também no ano de 1549 fundaram um convento de terceiras franciscanas.

E do que succedeu a essas casas conventuais encontrará o leitor sucinto relato no artigo que o erudito da localidade Sr. A. Serra, quiz gentilmente escrever para êste album.

Mas o forasteiro, ainda dentro do perímetro da vila, tem muitas outras coisas que ver e admirar.

Citaremos em primeiro lugar o parque, construído pela Comissão de Turismo local e concluído há poucos anos.

É êsse parque um verdadeiro mimo, com os seus canteiros traçados num rigor matemático de simetria e tendo um lago de cada lado.

Desce-se para o parque por uma escadaria, elegante, que se bifurca ao fim do primeiro lance, baixando, suavemente, em semi-círculo.

Uma elegante balaustrada de branca cantaria circunda êsse parque, onde vicejam flôres policromas e perfumadas,

e onde candieiros modernos dão uma luz difusa iluminando suavemente, durante a noite.

Antecedendo o parque, existe uma magnífica avenida com dezenas de plátanos frondosos e como pano de fundo, de todo êste cenário de maravilha, avista-se uma vegetação luxuriante, cobrindo os vales e as colinas, por todos os lados para onde nos voltemos.

Existe ainda, próximo do edifício dos Paços Municipais, um outro jardim público, mais pequeno, recém-construído, com os canteiros muito alinhados e bem dispostos.

Coroando a casaria da vila, pelo poente, está o afamado Cabeço do Peão, lugar dominante, a 539 metros de altitude, sobre o nível do mar.

Nêsse lugar, para onde se sobe por uma estrada torci-colada, cheia de caprichosas curvas, existe uma capelinha branca, votada a Santo António, e lá existiu, outrora, um moinho — talvez irmão muito mais novo daquêle outro, de que fala a formosa lenda do *Noivado do Cabeço do Peão*, inserta nêste album e posta em verso pela pena anónima de *João do Lyz*.

De lá de cima avista-se um panorama esplendoroso e admirável. Para o Oeste estendem-se as serras alcançadas de S. Neutel e de S. João. Aos pés um vale profundo com vinhedos, milheirais, eucaliptos e pinheiros. Uma sinfonia de côr, uma sinfonia de luz!

Para Leste perdem-se as amplidões das Beiras. Vêem-se Sernache do Bom Jardim; Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, separados pelo abismo do Cabril, formidavelmente belo e selvagem. Ainda mais além, como se a natureza se tivesse comprazido em colocar ali todo êsse cenário imensamente maravilhoso, cenário que nos faz pensar, meditar, no poder onnipotente de Deus, avistam-se mais as serras de Vila Rei e Muradal. Para o Norte está a serra da Lousã — num primeiro plano — a Guardunha e a Estrêla, rainha das serras portuguesas, a fechar o horizonte com as suas cumiadas gigantescas.

Ao Sul multiplicam-se os montes e cabeços que são guarda avançada das serranias beirãs.

Há casinhas brancas e capelinhas risonhas dessiminadas entre a verdura dos vales e encostas. O local convida a uma meditação profunda. Vive-se ali na tranqüila paz dos campos, plenos de melodias das aves e do zumbir alegre das cigarras.

E há um contraste forte e chocante. As aldeias e casais — e são nada menos do que quarenta — que cercam a vila, na província da Beira Litoral, são tôdas muito brancas, muito lavadas, rebrilhando aos raios do sol. Aquelas que se avistam para além do Zézere, na Beira-Baixa, são negras e tristes, parecendo crastos milenários.

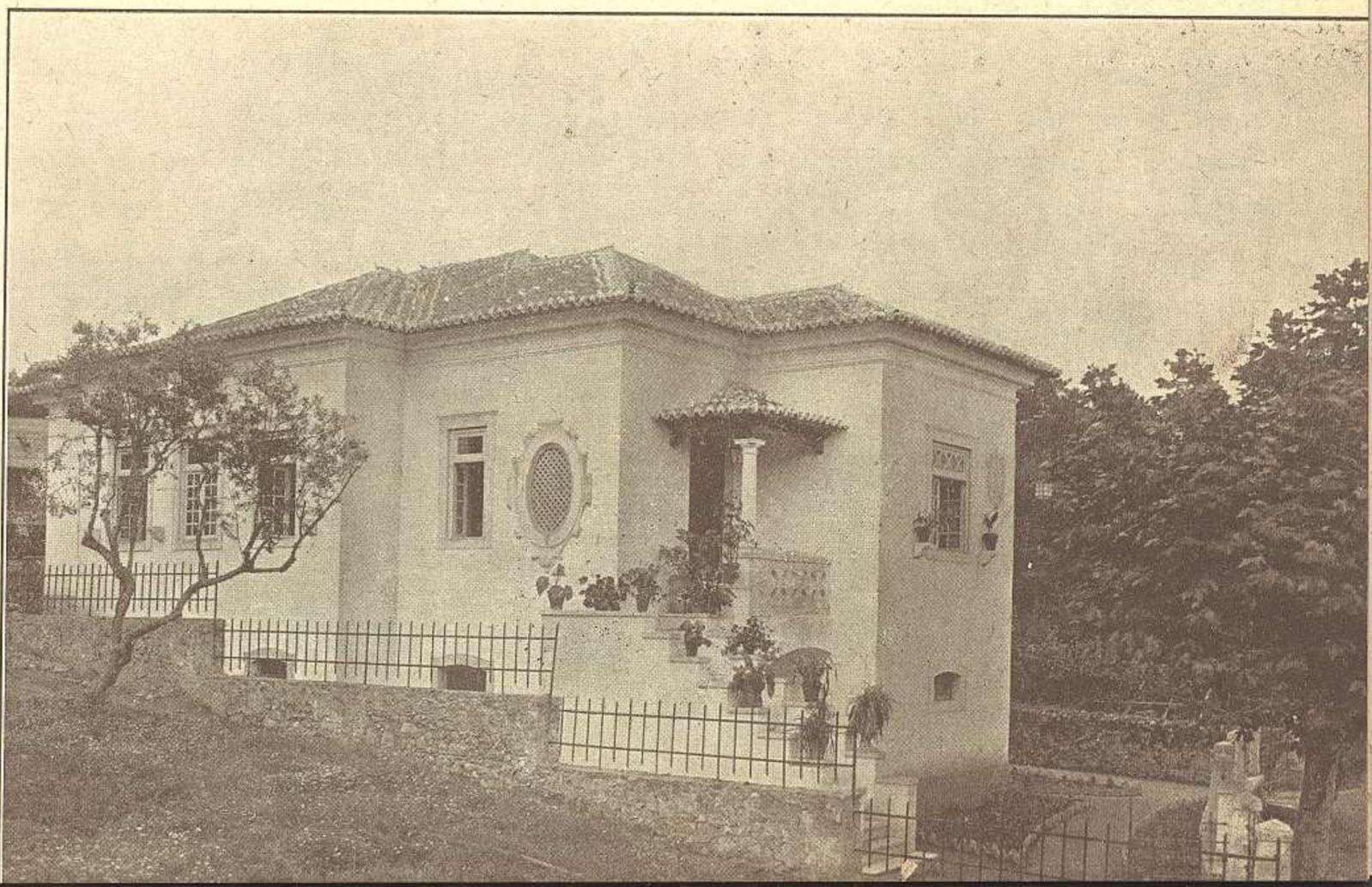
Êste é o panorama inesquecível que se disfruta no Cabeço do Peão. Durante a noite, um arco voltáico irradia a sua luz branca, desde lá do alto, atestando aos caminhantes que avistam essa luz desde muitos quilómetros de distância: — que ali é a vila de Figueiró dos Vinhos.

A vila dispõe de um serviço telefónico permanente,



O rio Zézere corre por entre margens escarpadas, nos arredores de Figueiró

Um  
dos  
mais  
interessantes  
edifícios  
da  
vila,  
no  
seu  
estilo  
bem  
português





Uma das principais artérias da linda vila de Figueiró dos Vinhos

com uma cabine pública, instalada na Associação Comercial e Industrial, e em ligação com a rede geral do país e estrangeiro.

Serviço diário e regular de camionetas, transportes combinados com a C. P., da estação de Pombal, donde saem carreiras às 4 horas e às 16 horas; carreiras diárias de camionetas de Tomar a Figueiró e vice-versa.

Na Comissão Municipal de Turismo prestam-se tôdas as informações.

Os visitantes são acolhidos, sempre, com o maior carinho, não sendo raro que as pessoas mais cultas e eruditas da vila sirvam de amáveis cicerones.

A noite, são pontos de reunião o Club Figueiroense e a Associação Comercial e Industrial.

Dispõe ainda a vila de iluminação eléctrica, profusamente distribuída em candieiros modernos e elegantes, por tôdas as ruas, parque e avenidas. Tem um teatro, inaugurado em 1895, sendo o pano de boca pintado por Augusto Machado. A casa onde viveu mestre Malhõa e que pertence agora a uma senhora irmã do falecido pintor,

contém uma verdadeira galeria de arte que pode ser visitada mediante autorização da proprietária.

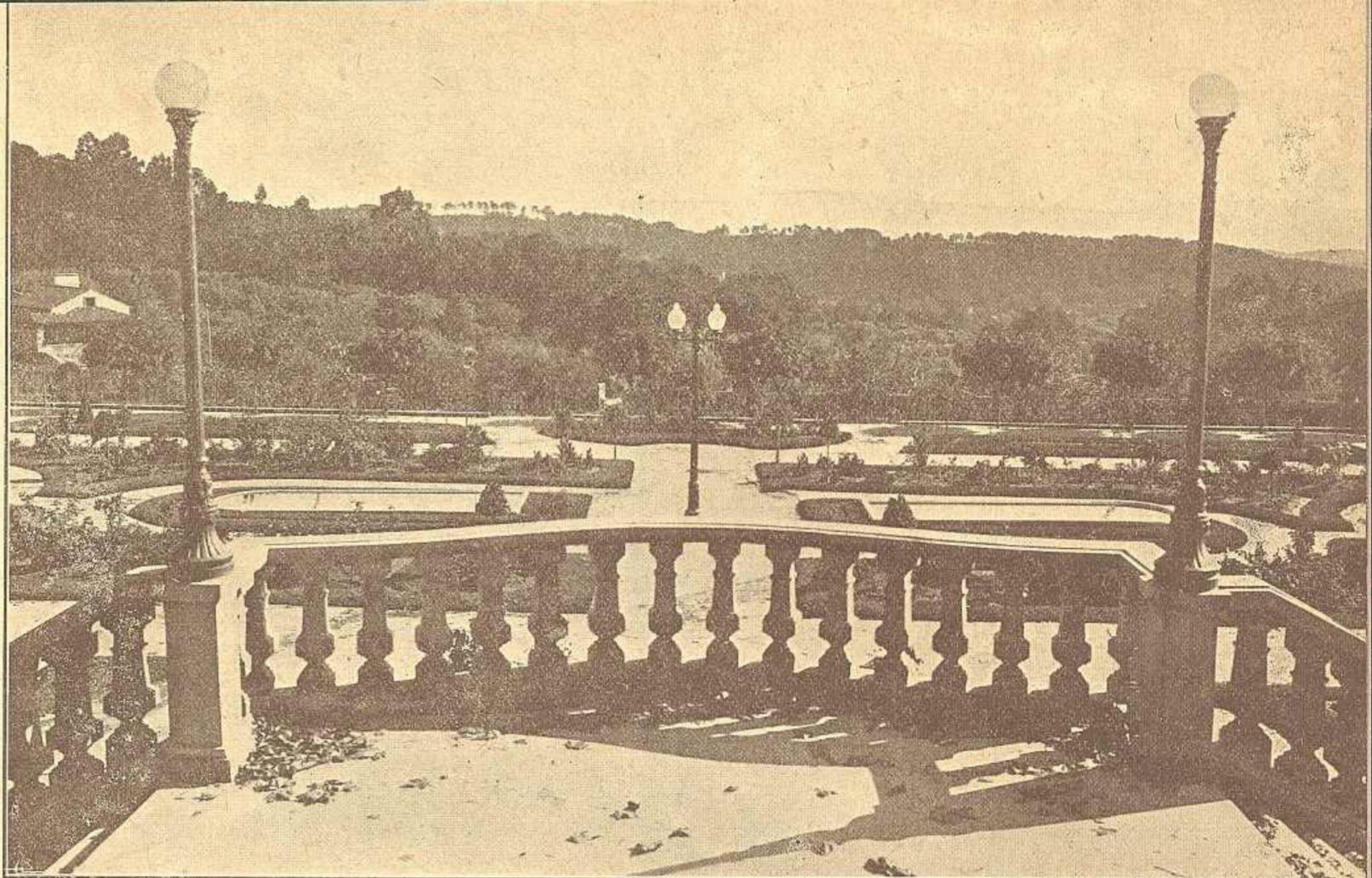
Na vila de Chão de Couce existe um admirável retábulo, na igreja matriz, com a Virgem Nossa Senhora. Este foi o último trabalho que o mestre realizou.

Nada mais precisamos dizer sobre a vila de Figueiró dos Vinhos, terra de beleza natural tão grande que gerou artistas como os escultores Simões de Almeida (Tio e Sobrinho); terra que atraiu artistas tão grandes como Malhõa — que dela fez sua Pátria adoptiva e que ali pintou algumas dezenas das suas mais luminosas telas, reproduzindo o verde dos campos, a luminosidade do ambiente e o característico dos costumes populares.

Numerosos são os arredores da vila que demandam, também, uma visita dos turistas.

Entre êles devemos destacar: as *Fragas de S. Simão*, um admirável recanto natural demarcado por rochas graníticas, de aspecto selvagem, eriçadas de pontas agudas e cortantes. Por entre elas corre, a custo, a ribeira de Alge que se despenha num revoltear de espuma branca, desde algumas dezenas de metros de altura.

O  
parque de  
Figueiró dos Vinhos,  
com seu  
aspecto  
moderno,  
visto  
desde  
a  
elegante  
balaustrada  
superior



Outra admirável paisagem do rio Zezere, junto da ponte da Bairrada



Nas *Fragas de S. Simão* habitam os condores e as águias reais.

O local é incomparavelmente mais belo do que as Portas de Rodam.

Afirma o «Guia de Portugal» — e justamente — que é mais imponente ainda do que os cabris do Zézere e do Ceira. Mais pitoresco do que as gargantas do Corgo e do Rabagão.

«No seu género — afirma o mesmo livro — é o que há de mais belo no país».

É um aspecto das Fragas de S. Simão que ilustra a capa deste *Album de Turismo*.

Junto das Fragas está edificada a pitoresca aldeia da Pena.

Na Foz de Alge pode admirar-se ainda, as ruínas duma fábrica de fundição de ferro do tempo do Marquês de Pombal e a exploração de ouro feita pelos romanos.

A distância de 7.800 metros da vila está a ponte da Bairrada, sobre o Zézere, junto da foz do rio Bouçã que ali vai desaguar. A ponte, moderna, de 3 arcos, serve de comunicação entre a Beira Litoral e a Beira Baixa, por uma estrada recém-acabada de construir.

O local tem pitoresco e é verdadeiramente aprazível. Ali se realizam, em tôdas as épocas do ano, numerosos *pic-nics* e excursões, passando-se agradavelmente um dia inteiro.

O rio corre ao fundo, entre apertadas gargantas, numa velocidade excessiva. Abundam no local saborosos peixes constituindo o desporto da pesca uma das maiores atrações dos múltiplos e pacientes aficionados.

A uma hora e um quarto de caminho fica a serra de S. Neutel. É admirável a excursão até lá acima ao cume, a 543 metros de altitude. Numerosas pontes rústicas estão lançadas sobre ribeirinhas que correm e saltitam cantantes através dos campos. Ao fundo corre a ribeira de Água de Alta que vem por ali abaixo em quedas caprichosas.

Merecem também ser visitadas as vilas de Castanheira de Pera — a poucos quilómetros e que é concelho nascente e muito industrial. Existem ali algumas dezenas de fábricas de lanifícios; e a vila de Pedrógão Grande, antiga, decadente, com o célebre *Cabril do Zézere*.

As estradas — que constituem um verdadeiro triângulo de turismo — conduzem o turista, facilmente, a estas duas vilas.

No mapa esquemático que fecha este *Album* pode verificar-se o facto citado.

Figueiró dos Vinhos possui ainda tôdas as facilidades que é de uso conceder aos visitantes.

Tem estação telégrafo-teléfono-postal, com serviço permanente, serviço de encomendas postais, registos, vales ordinários e telegráficos.

Um hotel e pensões com serviço decente e económico, sendo afamados alguns pratos da cozinha regional.



Em Pedrógão Grande é digno de ser visitada a Igreja Matriz onde existe o retábulo constituído por cinco imagens, S. João Baptista, S. João Evangelista, S. Paulo e S. Pedro e N. S. da Assunção, feitas por João de Ruão, grande escultor do séc. XVI.

# Alguns dados históricos sobre a Vila de Figueiró dos Vinhos e seu têrmo



O primeiro foral da vila de Figueiró dos Vinhos, foi-lhe concedido, em 1174 ou 1176, por D. Pedro Afonso, filho bastardo de D. Afonso Henriques, 1.º rei de Portugal.

Em 1180, Ismael, rei moiro de Sevilha, invadiu então o pequeno reino portocalense e destruiu a vila — que foi retomada pouco depois.

No ano de 1187, e pelo facto atrás descrito, Figueiró era apenas uma aldeia sujeita a Pedrógão Grande.

D. Sancho I elevou-a, novamente, à categoria de vila confirmando o primitivo foral dado por seu irmão, com muitos privilégios para os habitantes.

D. Afonso II voltou a doar-lhe mais privilégios, em Santarém, no ano de 1218.

D. Manuel I, na revisão geral que fez em todos os



Matriz de Figueiró dos Vinhos — A capela-mór possui um admirável retábulo em talha doirada no estilo de D. João V e o célebre quadro de Malhóa "O Baptismo de Jesus Cristo"

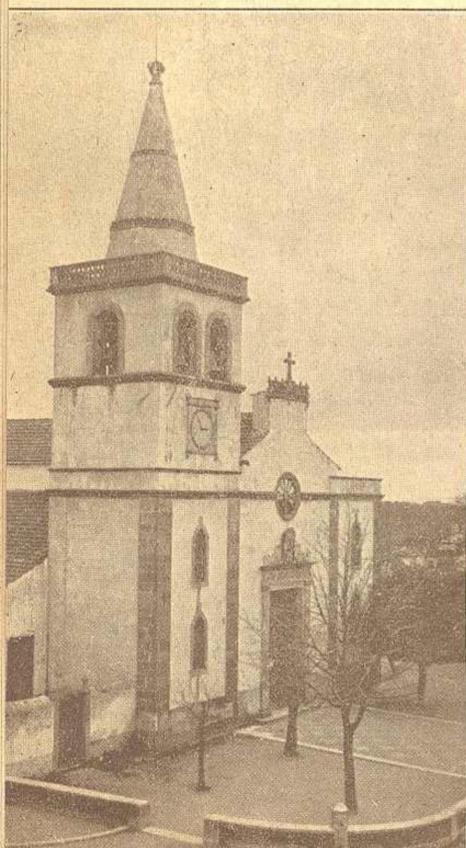
municípios do país, doou-lhe um foral seu, passado em Lisboa, aos 14 dias de Abril de 1514.

Desde então até hoje a vila tem sempre seguido num desenvolvimento crescente, sendo elevada à categoria de comarca em 1840.

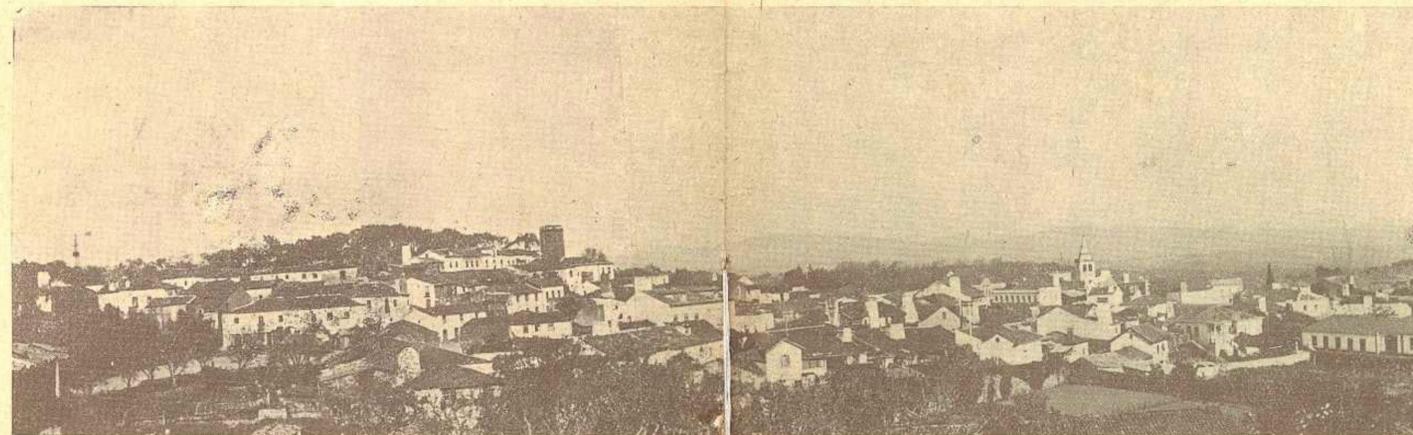
Hoje é uma das mais importantes do distrito de Leiria. É notável a transformação porque passou após o ano de 1926.



Dois aspectos do Parque, construído pela Comissão de Turismo. Pela sua elegância, moderno sentido de estética urbana, e beleza, poderia figurar, sem desdouro, em qualquer grande cidade.



Aspecto da fachada da Igreja Matriz, em estilo Renascença



Vista geral da vila de Figueiró dos Vinhos, pitorescamente edificada através duma encosta de suave declive

Pórtico principal da Matriz, vendo-se ao cima a imagem do Padroeiro



# O noivado do Cabeço do Peão

Lenda posta em verso por JOÃO DO LYZ

*Focando remota era  
existem na nossa terra  
lendas, lindas, de encantar.  
Lendas de amor, de magia,  
quer surjam à luz do dia  
quer surjam à luz do luar.*

*Lendas de moiras, de fadas,  
de princesas encantadas,  
de heróis, em feras contendadas.  
São tão lindas, por sinal,  
que o povo diz: "Portugal  
é uma terra de lendas".*

*Lá vivem as pastorinhas,  
que mais tarde são rainhas;  
e as moleirinhas ditosas . . .*

*Izabel, Rainha Santa,  
ainda hoje nos encanta  
co'a sua Lenda das Rosas.*

*Pois se assim é, Figueiró,  
terra de sonho, que só  
se lhe pode comparar  
o presépio dum altar  
na beleza sem igual,  
também havia de ter  
uma lenda pr'a entreter  
numa noite de inverneira  
tôda a família, à lareira  
E afinal . . .*

*Ficára com o passado  
já perdida em tradição  
uma lenda: — A do noivado  
do Cabeço do Peão*

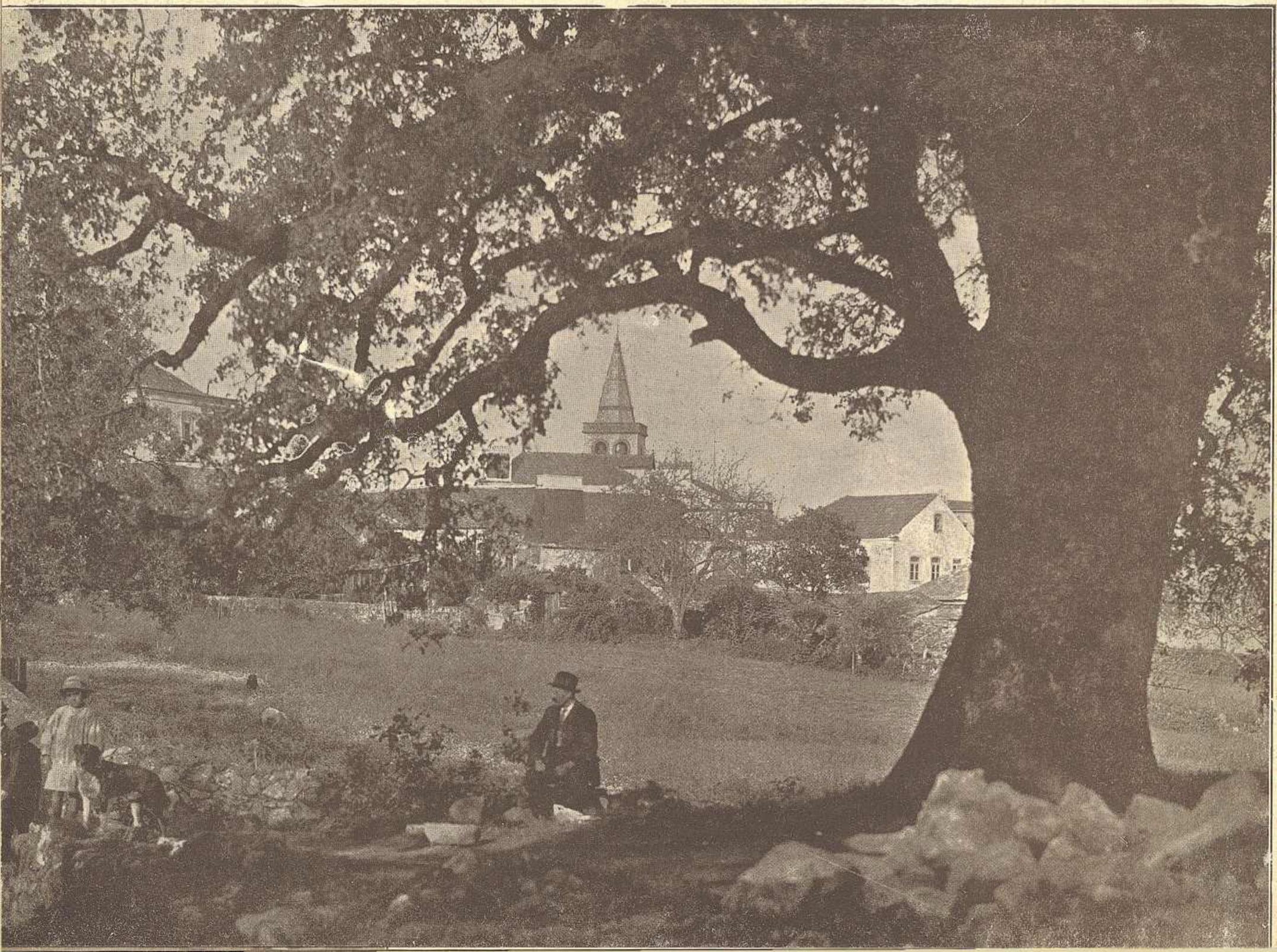
*E não havia direito . . .*

*Se é história de maravilha,  
que se perdesse em conceito,  
em conceito popular.*

*Um rei moiro, de Sevilha,  
quiz a linda moleirinha  
que era beleza sem par,  
e que fazia farinha  
lá dentro do seu moinho,  
lá no cimo do cabeço.*

*Quiz roubá-la — o rei daninho! —  
levá-la por todo o preço*

Um curioso e típico aspecto da vila, visto através de um carvalho secular. Cortando o espaço a silhueta esguia da tórre da Matriz





Figueiró dos Vinhos — Uma das ruas e o adro da Igreja

*Mas não contou o ladrão  
que a tal linda moleirinha  
tão branca como a farinha  
que moía em seu moinho  
já dera o seu coração  
a um heróico "Peão"  
de uma "mesnada" cristã.*

*Foi loucura pura e vã  
pois não a pôde levar;  
nem sequer aproximar  
suas tropas do cabeça  
onde a linda moleirinha  
fazia a branca farinha.  
Nem as curvas cimitarras,  
nem as armas de arremêso,  
puderam colhêr nas garras  
da morte apagada e vil  
o tal heróico Peão.*

*Já dera o seu coração  
à moleirinha gentil  
por isso, ninguém no mundo  
lhe poderia tocar.*

*E o rei vilão, iracundo,  
pretendendo lá chegar  
ao cimo daquele monte,  
dia e noite a batalhar  
não descansava um momento.  
Mas o "Peão" — um portento  
de valentia e valor —  
mais ágil que o pensamento  
mais veloz inda que o vento  
derrotava-os, num alento,  
dava-lhes "cada calor!" . . .  
Cada moiro que subia  
cada moiro baqueava  
e não escapou um só;  
que o moço a todos zurzia  
que o moço a todos matava.  
E com valor e canseiras  
matou mais do que figueiras  
existem pelas ladeiras  
dos termos de Figueiró*

*Venceu o amor profundo  
e a valentia sem par  
daquele herói que, no mundo,  
dia e noite a batalhar,  
conquistou a moleirinha  
tão branca como a farinha.*

*E quando voltou a paz  
com os guerreiros de Cristo  
o danado do rapaz,  
que em combate nunca visto  
vencera mil infiéis  
Chamou a gente vizinha  
— as Marias, os Manéis —  
e mais o senhor prior  
fazendo ali sua boda  
com a gentil moleirinha,  
unindo o amor ao amor.*

*E foi do feito elevado  
que ali se passou então  
que sempre ficou lembrado  
êsse conto — do Noivado  
do Cabeço do Peão.*

O artigo que ilustra esta página do «Album de Turismo», de Figueiró dos Vinhos, é de homenagem. De homenagem e de enternecida saúde por aquê, que foi tão grande, tão grande, que seis letras, apenas, ligadas num só nome, servem para o identificar perante tôda a terra portuguesa.

Essas seis letras, êsse nome, escreve-se — Malhòa.

Malhòa, ó pintor admirável da terra; Malhòa, o intérprete maior da alma do povo; Malhòa, o animador, na tela, da paisagem verdejante, das romarias alacres, dos costumes bisarros das gentes do têrmo de Figueiró.

Êle foi, nesta terra, não o filho adoptivo — mas o filho querido, o filho dilecto, mimado, respeitado e amado de todos.

Aqui viveu, muitos, muitos anos. Aqui descansou ao fim dêsses anos tranqüilamente, serenamente, adormecendo na visão da tela verdejante do lugar, para acordar na immortalidade.

Malhòa viveu em Figueiró. Malhòa foi de Figueiró.

Interpretou a beleza da sua paisagem, a alma do seu povo.

Malhòa viu a figura animada e curiosa, e única, das «Padeiras», cheias de graça, duma graça sãdia, especial, naquela terra, junto dum forno dos arredores.

Êle, que criara a tela do «Fado», tela em que até a «rameira» tem grandeza e alma, na sua paixão misérrima — via a dôr purificante das «Promessas» numa romaria da região.

O «Viático», que vai como supremo auxílio espiritual aos enfermos e agonisantes, foi surpreendido pelo mestre, na sua passagem.

Malhòa ajoelhou. A branca hóstia que o sacerdote transportava, iluminou aquê cérebro privilegiado. A grandiosidade da cêna e da paisagem embeveceu-o. E êle criou novo quadro pleno de beleza, sem igual.

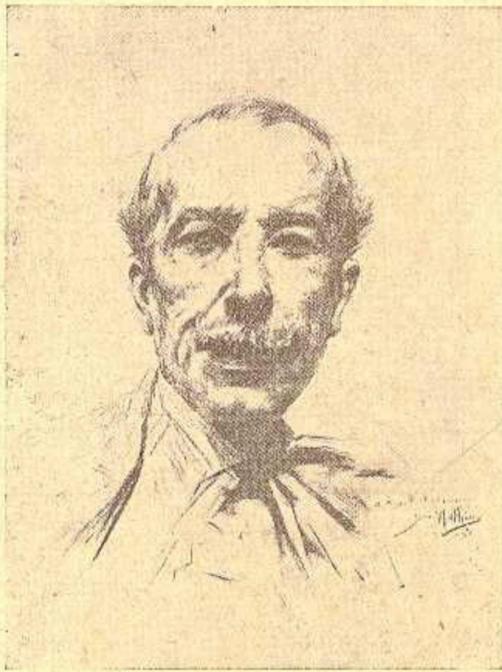
Quem era, quem foi Malhòa?

Não seremos nós quem o dirá — porque não emparceiram, nas alturas, os corvos com o vô das águias.

A sua biografia está feita por autores consagrados.

Da sua obra, tão grande, tão vasta, citaremos sòmente as telas principais.

# MALHÔA



Auto-retrato de Mestre Malhòa

Na vila de Chão de Couce existe um admirável retábulo, na igreja matriz, com a Virgem N. S. da Consolação (José Malhòa - 1933). Êste foi o último trabalho que o Mestre realizou



São elas:

*O Homem do goïro*, 1901, que pertence ao Museu de Arte Contemporânea; *A volta da Romaria*, 1901 (pertence ao Sr. Honório de Lima); *O Regedor* (Museu José Relvas); *Descanso do modelo*, 1894 (Museu); *Os Bêbedos*, 1907 (Museu); *Hortenses*, 1920 (K. Anderson); *Citação à penhora*, 1922; *O Emigrante*, 1918; *O Cigarro*, 1916 (Carlos Seixas); *A Varanda dos Rouxinois* (Carlos Seixas); *O Fado*, 1910 (Câmara Municipal de Lisboa); *O Mestre Escola*, 1905 (Museu João de Deus); *A Compra do voto* (Posser de Andrade); *Cuidados de amor*, 1895 (Oliveira Monteiro); *Basta meu pai* (Agostinho Fernandes); *Abóboras* (Museu); *A Procissão*, 1918 (Julião Machado); *Marinha* (Museu Grão Vasco); *Vou ser mãe*, 1923 (D. Vasques); *A apoteóse da lagosta* (Leão de Ouro); *Milho ao sol* (Museu Grão Vasco); *O Beijo* (Custódio Cabeça); *Os Dois amigos* (Museu); *Rainha D. Leonor* (Caldas da Rainha); *Que lindo o nosso Menino* (Gonçalves de Moraes); *Saboreando*, 1914 (Duques de Palmela); *O Carriço*, 1926 (Borges de Sousa); *Velha fiando* (D. Cacilda Ribeiro); *A Seara invadida*, 1881 (Alfredo da Cunha); *O primeiro melão*, 1896 (Marquesa do Alegrete); *A chegada do Zé P'reira*; *A côrar a roupa*, 1928; *Últimos raios de sol*, 1919; *Uma velha em Figueiró* (Jorge Monjardino), etc., etc.

E assim foi êste pintor formidável de quem disse alguém, referindo-se aos seus quadros preciosos:

*Tudo isso que é alma, o Corpo e o Sangue dum Portugal-Maior, Malhòa ergue, levanta e sublima em apoteóses gritantes de fé, de entusiasmo, de sol e de vida.*

Assim foi Malhòa que se finou no seu «Casulo», a que tanto queria, em 25 de Outubro de 1933. Assim foi o mestre que — sôbre ser um pintor da terra portuguesa, um pintor do povo e da sua alma — foi, acima de tudo, um animador, um divinizador das belezas da paisagem de Figueiró dos Vinhos onde perdurará sempre a sua memória, envolta num preto de enternecida saúde.

# DOIS ARTISTAS MUITO ILUSTRES

Cerca de onze anos são decorridos desde que se finou, na sua casinha da Amadora, o escultor genial e grande artista, que foi em vida José Simões de Almeida Júnior, ou melhor, Simões de Almeida (Tio) — que foi como se chamou, no mundo das artes, o autor admirável do «Saltimbanco», da «Sapho», e da «Saüdade».

Não esqueceu ainda o seu nome; e as suas obras, dispersas em Portugal e no Brasil, atestarão às gerações vindouras que existiu em terras portuguesas um artista tão grande.

Figueiró foi a terra que lhe serviu de berço, tendo nascido ali no ano de 1844.

Vindo para Lisboa cursou na Academia de Belas Artes, revelando-se desde logo, no aluno, como seria mais tarde — um grande mestre.

Aos 21 anos, terminado o curso com excepcional classificação, obteve uma bolsa de estudo do governo português e foi aperfeiçoar-se para a Itália.

Depois, surge em Paris, discípulo de Monteverde, e com a sua admirável escultura «Puberdade», feita em mármore, obteve um prémio na Exposição

## SIMÕES DE ALMEIDA (TIO)



Internacional da *Cidade-Luz*, de 1878. Em 1890, na Exposição do Rio de Janeiro, obtém novo prémio com o gesso «Sapho».

Desde então, a sua carreira foi sempre verdadeiramente triunfal.

Das suas obras mais notáveis recordam-nos «O Saltimbanco»; «A Saüdade»; «Inez de Castro»; «D. Sebastião lendo os Lusíadas»; «Agricultura»; «Camões»; «Infante D. Henrique»; «Vasco da Gama»; «Pedro Alvares Cabral»; «Superstição»; etc., etc.

Simões de Almeida (Tio) não esqueceu nunca que era de Figueiró dos Vinhos. E legou-lhe, entre outras, duas obras preciosas — «Cristo Crucificado» que se admira na igreja matriz da vila e que foi encarnado por outro grande mestre — Malhõa — admirando-se também a sua reprodução na capela de Alexandre Herculano, nos Jerónimos; «Camões» — que ofereceu ao Club da sua terra e ali se encontra hoje, na sala de leitura.

Em 13 de Dezembro de 1926 finava-se Simões de Almeida (Tio) dôcemente, na sua casinha da vila da Amadora, com 82 anos.

## SIMÕES DE ALMEIDA (SOBRINHO)



Em 1880 via a luz do dia, pela primeira vez, em Figueiró dos Vinhos, aquêlê que é hoje o consagrado escultor José Simões de Almeida ou, com mais propriedade dentro do mundo das artes, Simões de Almeida (Sobrinho).

Pertence àquela família de verdadeiros génios criadores de arte e de beleza que já dera o outro Simões de Almeida, seu tio, e mestre, e inspirador.

Em 1903 tinha concluído o curso na nossa Escola de Belas Artes e pouco depois, durante três anos — que o mestre escultor recorda hoje com saúde infinita — viveu na estúrdia alegre e buliçosa, estúrdia criadora de maravilhas, no entanto, do Bairro Latino, em Paris.

Poucos artistas portugueses terão produzido tantas e tão admiráveis obras como Simões de Almeida (Sobrinho).

Figura já hoje no Museu de Arte Contemporânea, de Lisboa, com alguns maravilhosos trabalhos dos quais citaremos o baixo relêvo, em gesso, «As Ninfas do Mondego chorando a morte de Inez de Castro»; outro baixo relêvo, «Infância» — que é verdadeiro mimo de carinho e de ternura; vários estudos magistrais, representando uma cabeça de velho e duas cabeças de criança.

É de Simões de Almeida o busto oficial da República Portuguesa, cujas reproduções se contam, por milhares, distribuídas em todo o país. Esse busto tem uma magestade serena e forte.

Ao tópo da escadaria de honra da Câmara Municipal de Lisboa, depara-se também com um baixo relêvo de maravilha em que é comemorada a implantação da República em Portugal.

Cinzel que não descansa nunca é o dêste escultor. E a êle se devem, ainda, os bustos de tôdas as individualidades que fizeram parte do Governo Provisório; pertencem-lhe os monumentos a «Barahona», em Évora; a «Fialho de Almeida», em Cuba; a «Gago Coutinho e Sacadura Cabral», em Pernam-

buco; ao «Judeu» — ainda por concluir; ao «Infante D. Henrique», em São Miguel (Açores); ao «Dr. Rolo», em Faro, etc., etc.

Nasceu dêsse cinzel prodigioso o frontão do Palácio da Assembleia Nacional; dêle surgiram tôdas as effigies da moeda cunhada após a implantação do novo regime; e os bustos de José de Castro e de Miguel Bombarda; é sua, finalmente, de cooperação com Francisco Santos, a formidável estátua de «Pombal» que coroa o monumento ao cimo da Avenida da Liberdade.

Simões de Almeida (Sobrinho) é, actualmente, um dos mais categorizados e ilustres professores da Escola de Belas Artes e numa das dependências daquêlê estabelecimento lá tem o seu «atelier».

Entrando dentro dêle sente-se a mesma impressão de respeito e unção, que temos quando nos abrigamos sob a nave de um templo.

Existe ali, de facto, um templo aberto ao culto da beleza.

E se nos quedamos, assombrados, ante a delicadeza das figurinhas minúsculas que surgem em preciosos detalhes, das medalhas que o mestre firmou, não é menos certo que nos atrai a beleza vetusta do «Infante» sentado sôbre as penedias que foram seu trono e de onde visionou o futuro de um Portugal Maior.

E logo nos chama o sorriso admirável que se exprime nuns lábios de criança. E mais além, numa escultura genial, o cavador que levanta nos braços, para que o sol o beije, ao seu filho pequeno, nusinho e gracioso. Há, de facto, uma alegoria gritante à Vida e à Terra-mãe, na expressão tão portuguesa que serve de legenda à escultura e diz assim: «Bom dia».

Simões de Almeida (Sobrinho) honra a terra que o viu nascer e leva o seu nome aos quatro cantos de Portugal, no alto do seu prestígio e por cada novo trabalho que produz.

\* \* \*

# Dr. José Martinho Simões

Justo preito de homenagem a quem muito trabalhou em prol da sua terra

É com profunda emoção que recordamos na 2.<sup>a</sup> edição deste *Album de Turismo* a figura do saudável nacionalista Sr. Dr. José Martinho Simões, que a morte ceifou, impiedosamente, em 20 de Julho de 1934.

Foi êle um dos grandes animadores da 1.<sup>a</sup> edição deste *Album*, um grande e entusiástico impulsor da modestíssima obra, seguindo a par e passo toda a sua realização.

É por isso com profunda emoção — repetimos — que quatro anos volvidos vimos arquivar piedosamente, por preito de justiça, as notas biográficas dêsse que foi, além de figueiroense muito ilustre, um nacionalista intemerato que à causa do Estado Novo deu o melhor da sua inteligência e o esforço mais persistente.

Figueiró dos Vinhos e o concelho perderam, com o falecimento do Dr. José Martinho Simões, aos 42 anos, uma das mais prestigiosas figuras da geração de hoje.

O Dr. Martinho Simões era natural de Trespostos, freguesia de Campêlo, do concelho de Figueiró. Coursou o Liceu de Setúbal até ao 5.<sup>o</sup> ano, obtendo sempre a maior classificação do seu curso e tendo revelado qualidades excepcionais de inteligência e trabalho, a tal ponto que alcançou, no final do quinto ano, em 1908, o prémio de «Bocage», que a Câmara daquela cidade dá ao aluno mais classificado.

Distinguiu-se por tal forma, que o então reitor do Liceu de Setúbal se dirigiu ao pai, pedindo-lhe que não interrompesse os estudos de seu filho e que o mandasse para Coimbra.

Nesta cidade, entregue aos seus próprios esforços, — pois leccionava para poder prosseguir a carreira de estudante, — continuou a revelar-se sempre, obtendo no final do curso de direito, dezoito valores (Muito bom).

A expensas suas e enquanto cursava a Universidade, tirou o curso do Magistério Primário seu irmão Artur Martinho Simões, actual funcionário do Ministério do Interior.

Terminado o curso, em 1917, foi mobilizado como alferes miliciano, seguindo imediatamente para França, onde esteve até ao final da Grande Guerra.

Em França abriu o Dr. Martinho Simões um novo período, não menos brilhante, da sua vida.

Da sua fôlha de serviço militar extraímos os seguintes períodos: «*Prémios, Condecorações e Louvores* — Louvado na O. S. do Corpo n.º 303, de 4 de Novembro de 1918, por uma ocasião em que se praticaram actos graves de indisciplina no Batalhão de Infantaria n.º 35-se ter distinguido pela muita dedicação, decisão e energia de que deu provas na submissão das praças, cujos actos de indisciplina não assumiram mais graves proporções devido à sua intervenção inteligente, ponderada

e inflexível (Nota n.º 2.829 de 8 de Novembro de 1918 da Rep. de Estatística do Q. G. B. do C. E. P.). Louvado porque, enquanto o seu batalhão esteve nas linhas, manifestou sempre valentia, serenidade e critério, e no que respeita a sacrificios aceitou-os sempre jubilosamente, mostrando-se satisfeito quando nomeado para serviços em que tivesse de arriscar a vida, como patrulhas, rondas exteriores, etc. (Ordem do Corpo n.º 51, de 22 de Fevereiro de 1919). Nota n.º 2.829 de 27 da Rep. de Estatística do C. E. P.. Louvado, porque sendo oficial trabalhador e enérgico e disciplinador tem demonstrado sempre inexcedível zêlo e muita dedicação em todos os serviços de que tem sido encarregado. (O. S. da 2.<sup>a</sup> B. I. n.º 135, de 18 de Maio de 1919). Medalha comemorativa das campanhas do Exército Português com a legenda: França 1917-1918. Louvado pelo zêlo, dedicação e inteligência com que desempenha as funções de adjunto da Secção de Justiça do Q. G. C. desde 5-3-919, da qual tem sido um excelente auxiliar devido aos seus conhecimentos especiais sobre o serviço de justiça (O. S. do Corpo n.º 167 de 25-6-919). Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.<sup>a</sup> classe (O. E. n.º 20 de 23-9-919). Medalha da Vitória (O. R. de 30-12-919).»

Regressando à Pátria, como oficial de Infantaria 35, esteve neste regimento, então com séde em Coimbra, até 1921.

Neste ano deixou a vida militar, vindo para Figueiró, onde fixou residência e iniciou a sua vida de advogado.

Aqui também se distinguiu, tornando-se em pouco tempo, um dos causídicos mais queridos e competentes da região.

Veio o «28 de Maio» e o Dr. Martinho Simões que desde a primeira hora esteve ao lado dêsse glorioso movimento, foi nomeado presidente do Município de Figueiró.

Logo que tomou conta da administração do concelho, começou por organizar todos os serviços, dando início à obra formidável que depois se levou a efeito.

Em 1927 foi convidado pelo Ministro da Justiça Doutor Manuel Rodrigues, para exercer o cargo de director geral da administração política e civil e director geral do Ministério do Interior, lugar que aceitou.

Ali se revelou com rara competência e de tal forma se impôs que dentro em pouco, era geralmente considerado como um dos funcionários mais sabedores e competentes.

Dotado de excepcionais qualidades de trabalho e duma inteligência das melhores equilibradas, o Dr. Martinho Simões era um bom carácter e uma esplêndida alma, possuidor de sentimentos de nobreza que bem o impunham à estima e consideração geral.

De colaboração com o actual presi-



Dr. Martinho Simões

dente do Município de Figueiró dos Vinhos, Sr. Dr. Manuel Simões Barreiros, fundou o semanário «A Regeneração», defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria, dirigindo-o durante três anos.

Ali iniciou vibrantemente a política de regeneração do concelho secundando com energia todas as iniciativas que tendiam para o seu progresso.

Ficou por tal motivo e ainda pelo muito que na capital trabalhou em prol da sua terra, com o seu nome indelêvelmente ligado a toda a obra grandiosa que em Figueiró se realizou no espaço de oito anos.

A sua morte foi, por isso, profundamente sentida pela população do concelho que acorreu em massa a Lisboa, utilizando todos os transportes mecânicos, como lhes foi possível.

Ainda quando estudante, o Sr. Dr. Martinho Simões publicou diversos trabalhos sobre direito e já depois de formado produziu outra valiosíssima obra que é adoptada para o 3.<sup>o</sup> ano das Universidades.

Ocupou um elevado cargo na União Nacional e foi notável propagandista das doutrinas novas, tendo ficado memorável a sua conferência, feita em Évora, em 1934, no Teatro Garcia de Rezende, sob o tema: «Na frisa política».

Encarregado pelo Governo de fazer um projecto de reforma do Código Administrativo, ocupava-se dêsse trabalho quando a morte o surpreendeu. Uma parte foi publicada, ainda, em separata, no Anuário da Direcção Geral da Administração Política e Civil, n.º 25.

Pelos relevantes serviços prestados ao Estado Novo, o Governo condecorou-o com o Grande Oficialato da Ordem Militar de Cristo.

O Sr. Dr. Martinho Simões morreu novo, em plena posse de todas as suas faculdades de inteligência. Foi um grande defensor do Estado Novo e um grande amigo do progresso de Figueiró dos Vinhos, que se perdeu.

Por isso estas modestas linhas, escritas com sincera emoção, servirão para perpetuar, embora singelamente, a sua memória. E representam, simultaneamente, justo preito de gratidão e de justiça.

# Major Neutel Martins Simões

## de Abreu



QUANDO se fala nessa falange de homens valorosos, que no nosso Império Colonial souberam manter bem alto o nome e prestígio português, nas multiplas campanhas que ali deflagraram durante os primeiros vinte anos do século actual, não é lícito esquecer o nome do illustre militar, major Neutel Martins Simões de Abreu, natural de Figueiró dos Vinhos, que foi um dos mais heróicos soldados dessas campanhas, tendo batalhado e servido durante largos anos em terras africanas.

A sua fôlha de serviços é plena de citações e de louvores e no seu peito, constelado de medalhas, brilha a mais alta condecoração portuguesa — a Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Tendo assentado praça no ano de 1888, como voluntário, foi promovido a alferes em 30 de Dezembro de 1901.

No ano de 1903 fez parte da columna de operações a Matadane e Selege; em 1904, toma parte em nova campanha na região de Matibane. E é, nêsse mesmo ano, promovido ao posto de tenente. Exerce o cargo de comandante militar de Moginqual, merecendo sucessivos louvores e sendo nomeado, mais tarde, capitão-mór de Macuana.

Em 1910 é promovido a capitão, tomando parte, nêsse mesmo ano, nas operações de Angoche. E logo a seguir, em 1912, comanda as fôrças em operações contra o régulo Napaua, — que submeteu.

Surge o ano de 1913 e com êle a campanha contra os Namarrais. O major Neutel de Abreu toma parte

nessa campanha, comandando uma columna organizada na Macuana.

É nomeado capitão-mór interino de Mossuril e reconduzido na capitania anteriormente citada.

Vem, entretanto, a guerra europeia e a campanha, em África, contra os alemães.



Major Neutel de Abreu

O illustre militar figueiroense desembarca em Palma, à frente de 3.500 auxiliares indígenas, para cooperar com as fôrças expedicionárias, idas da Metrópole. Conserva-se por lá até Janeiro de 1917, data em que regressa a Moçambique.

Em Março dêsse ano, está presente em Mocimbo da Praia, comandando o 2.º e 3.º grupos de auxiliares e cipaio, que fizeram a ocupação dos Makondos e cooperaram com as fôrças expedicionárias metropolitanas.

Em 24 de Agosto dêsse mesmo ano é promovido ao posto de major. E em 15 de Janeiro de 1920, regressa ao continente — à sua linda terra — julgado incapaz pela Junta Provincial.

No peito do major Neutel de Abreu brilham — como já dissemos — numerosas medalhas e condecorações. Contam-se, entre elas:

Comenda da ordem militar da Torre e Espada, de Valor, Lealdade e Mérito; Comenda da ordem militar de S. Bento de Aviz; Medalha de Valor Militar; medalha de Bons Serviços, com palmas; medalha de ouro de Comportamento Exemplar; medalha da Vitória; medalha de ouro de Serviços Distintos ou relevantes em substituição de duas de prata da mesma classe; medalha de ouro de Assiduidade de serviço no Ultramar; medalha de prata da ocupação de Moçambique, 1906 a 1913; medalha da Rainha D. Amélia da ocupação de Angoche, 1910; e medalha de prata comemorativa das campanhas do Exército Português, com a legenda «Moçambique, 1914-1918».

Os seus louvores são múltiplos e elogiosíssimos.

É esta a biografia sucinta e resumida, como não podia, aliás, deixar de ser, atendendo à escassês de espaço com que lutamos nêste «Album».

Mas o que fica dito é mais do que suficiente para assinalar tão alta e prestigiosa figura militar — que hoje vive tranquilamente, nessa paz e encantamento que se encontram na sua terra natal — terra que o estima, acarinha e cerca de respeito.



Vista parcial da Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos



Pia de água benta com admiráveis labores

**F**IGUEIRÓ dos Vinhos é vila antiquíssima. Em 783 a 789 já alguém descreveu factos, em obras históricas, respeitantes a esta vila, pelo que se deduz que a sua fundação foi muito anterior àquelas datas já de si remotas e lendárias.

Desde então até à emancipação da nacionalidade portuguesa, deve Figueiró dos Vinhos ter passado por várias fases de florescência e aniquilamento.

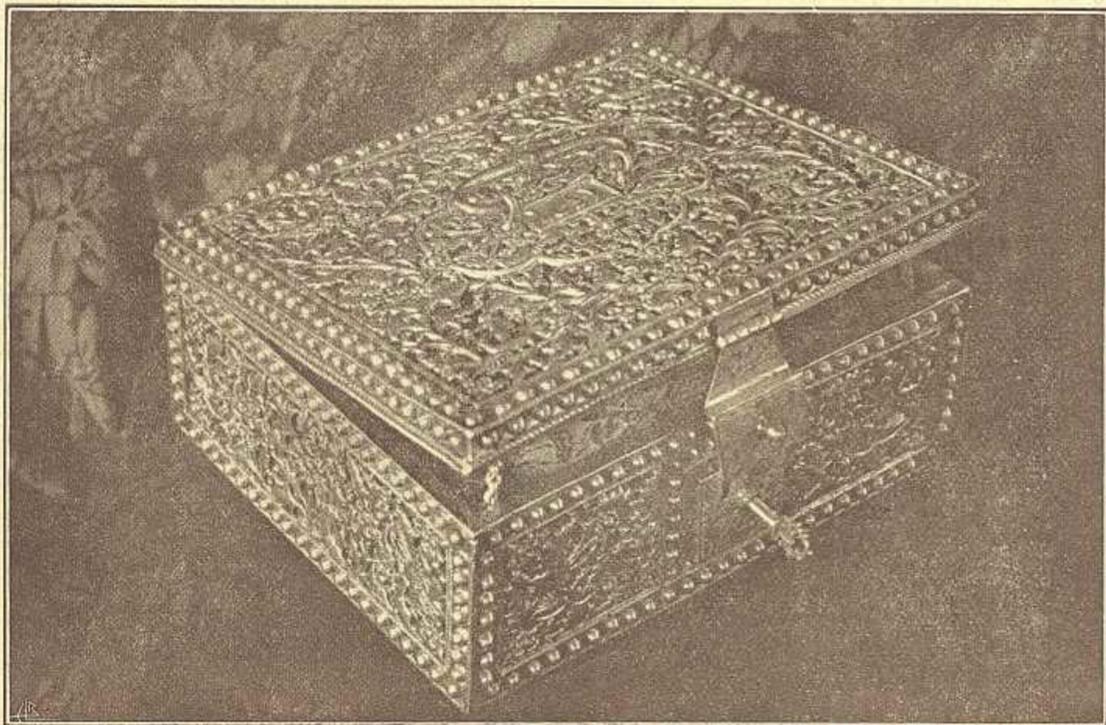
Não se sabe quando foi tomada pela primeira vez, pelos cristãos. Mas D. Afonso Henriques mandou-a repovoar em 1147, e nos últimos anos do seu reinado, durante as terríveis invasões dos mouros, em 1180, foi por estes novamente ocupada e reduzida a ruínas. Tomada anos depois, por D. Sancho I, levantou este sobre a suas ruínas uma pequena aldeia.

Aquele monarca, terminadas as guerras de perseguição aos mouros, mandou também colonizar e repovoar a povoação, em 1189, concedendo-lhe o seu foral de vila, que já em 1175, lhe tinha sido dado por D. Pedro Afonso, filho natural do primeiro monarca português.

Assim continua vivendo e progredindo pelos séculos fora, passando a Idade Média e o Renascimento, e entrando na época de hoje.

Pitoresca, interessante, situada topograficamente em excelente

Cofre precioso em prata lavrada. Obra indiana de 1651. Igreja Matriz



# Recordando o Passado

Artigo descritivo  
de Figueiró-antigo

P O R

ANTÓNIO DE AZEVEDO LOPES SERRA



Capela-Mór da Misericórdia  
(Convento dos Carmelitas) - 1601

posição, foi elevada a sede de julgado em 1835, e a sede de comarca em 1840.

Em 1875 foi suprimida a sua comarca e criada a de Ancião e Pedrógão Grande. Vinte anos depois, em 1895, foi novamente elevada a sede de comarca, devido aos valiosos esforços do falecido Dr. Manuel de Vasconcelos.

A vila a-pesar-de ser pequena tem alguns edifícios públicos dignos de serem visitados, e destes o principal é a Igreja Matriz. É um templo vasto e grandioso, e de estilo, mandado construir pelos frades Crúsios, de Coimbra, que apresentaram na freguesia os párocos, com honras de priores. Tem obras de arte

e valor. É hoje monumento nacional.

Em 1601 construiu-se, também, o Convento dos Carmelitas. A sua igreja é pequena, com altares em talha dourada, com motivos de rouqueilhe e a capela-mór com o tecto em abóbada esférica. É padroeira N. S. do Carmo e merece ser visitada por turistas. Teve outro convento de frades, construído em 1549. Os únicos vestígios que hoje existem d'êles são os muros da sua cêrca, à Ponte das Freiras.

Possuiu também o edifício da Misericórdia, com o seu templo, no local onde hoje se erguem os Paços do Concelho, construídos em 1874, também



O cabril do Zézere, em Pedrógão Grande



"A Santíssima Trindade" — preciosa imagem do século XIII

por iniciativa e esforço do citado Dr. Manuel de Vasconcelos.

A Misericórdia e hospital passaram para uma parte do velho convento dos Carmelitas, cedido pelo Estado para êsse fim. Tem também edifícios particulares com brazões, o que demonstra que esta vila foi habitada por alguns nobres e fidalgos. Pelas sepulturas existentes na capela-mór da igreja do convento e pelo túmulo que está na igreja matriz se verifica que nem só foi habitada por nobres e fidalgos como lhes serviu também de berço.

Tem esta vila progredido bastante desde 1874 para cá, em novas construções e desenvolvimento comercial e agrícola.

Exporta: madeira, cortiça, entrecasco de sobreiro, azeite, carvão e algum vinho. As suas vias de comunicação também se desenvolveram, o que tem concorrido para o seu geral progresso, salientando a variante que rasgou a vila, transformando-a e dando lugar a poder alargar a sua área pobre e acanhada, melhoramento êste também devido ao Dr. Manuel de Vasconcelos.

Pertence ainda ao Figueiró antigo a construção do Club e a reconstrução da igreja matriz.

Tem êste templo obras de arte dos laureados artistas José Simões de Almeida (Tio) mestre da escultura portuguesa, natural desta vila e do sublime artista, pintor, José Malhõa, que tomou Figueiró dos Vinhos por sua terra adoptiva, e ali passou, até morrer, uma grande parte do ano no seu «casulo» — chalé — que é um verdadeiro encanto com o jardim e horta.



Estátua do Infante D. Henrique modelada pelo escultor Simões de Almeida (Sobrinho)

# Figueiró renovada...

## Uma época e uma obra

(Da primeira edição — 1933)

**F**IGUEIRÓ dos Vinhos, renovada, renovada a vila, renovado o concelho inteiro, transformada e alindada em meia dúzia de anos, é título que poderá parecer audacioso, deslocado, até, neste «Album de Turismo».

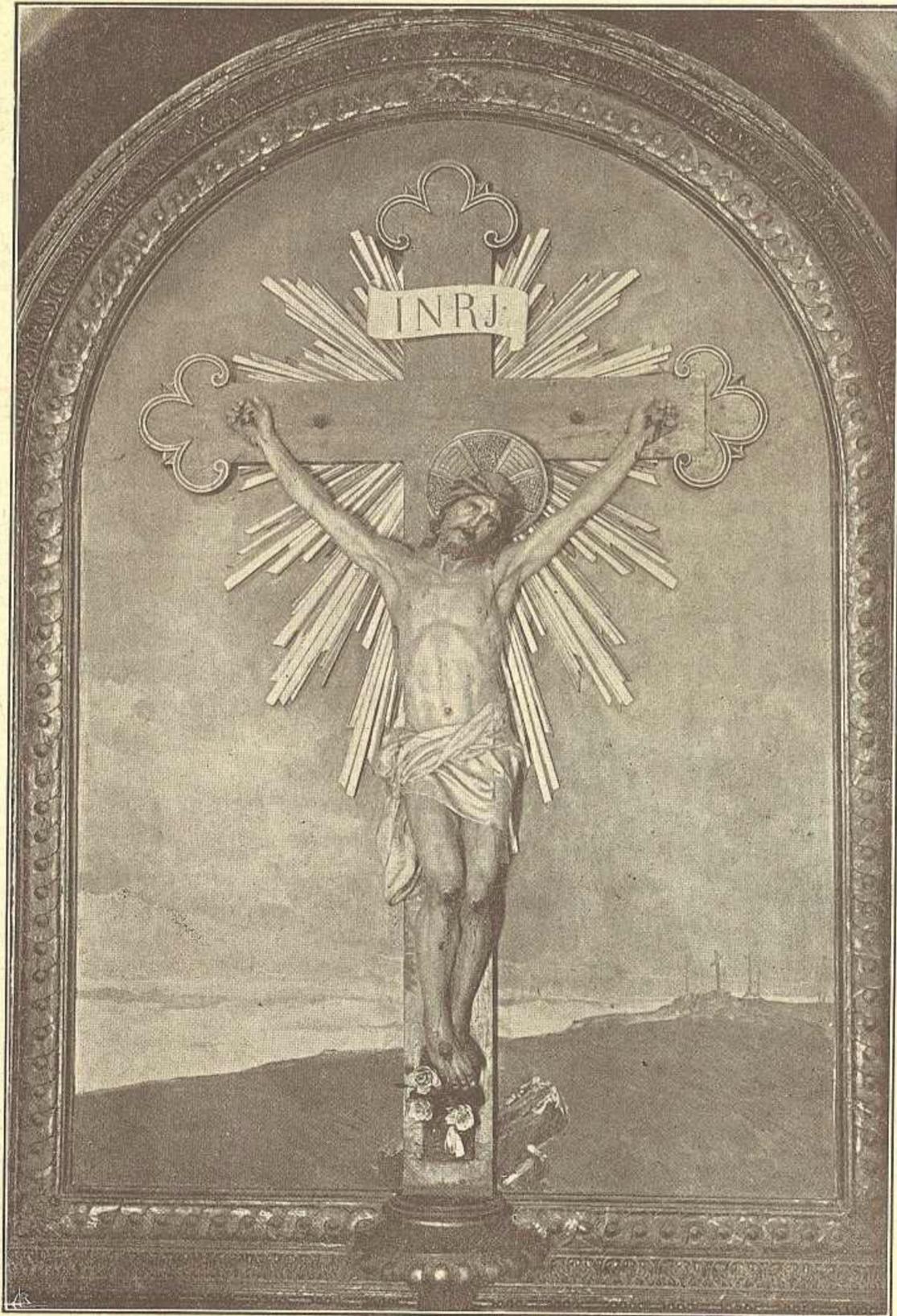
Mas factos incontrovertidos, sempre o foram, em todas as épocas, em todos os tempos.

Um «Album de Turismo» que descreve belezas, muitas delas gisadas pelo homem, engrandecidas pelo génio criador e vivificador das coisas naturais, deve apontar ao turista, ao forasteiro, os nomes, as épocas, evocar as figuras que cooperam nessa obra.

Não é nossa missão citar, apenas, nomes de antanho, curiosos pelo sotaque da



Dr. Manuel Simões Barreiros  
Presidente do Município de Figueiró dos Vinhos



“Senhor Jesus da Agonia” — escultura de Simões de Almeida, Tio encarnada por Malhõa

pronúncia aos nossos ouvidos; tirados da paz dos túmulos numa envoltura de geneologias brazonadas.

Não! Nem só esses homens, essas obras, merecem referências — porque são referências póstumas. Cairíamos em falta, em grave falta, se não trouxéssemos para aqui os nomes, as figuras de hoje, que fizeram essa obra de renovação. Obras e nomes marcam, ainda, uma época da nossa história contemporânea, época que convém fixar — para amanhã e mesmo assim, em manta de retalhos.

Por tudo isto falaremos, no presente artigo, na obra, na época, nos homens.

Eis a época: Ditadura Nacional — 1926-1933.

Os homens: Drs. Martinho Simões e Manuel Simões Barreiros — o primeiro, director geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior; primeiro presidente do Município de Figueiró dos Vinhos após o movimento do Exército, em 28 de Maio. O segundo, clínico ilustre, presidente do mesmo Município, na actualidade; presidente da comissão concelhia da União Nacional; presidente da C. I. T.

É a eles que se devem, principalmente, essas obras que vamos apontar, não esquecendo, no entanto, que tiveram alguns esforçados e dedicados cooperadores.

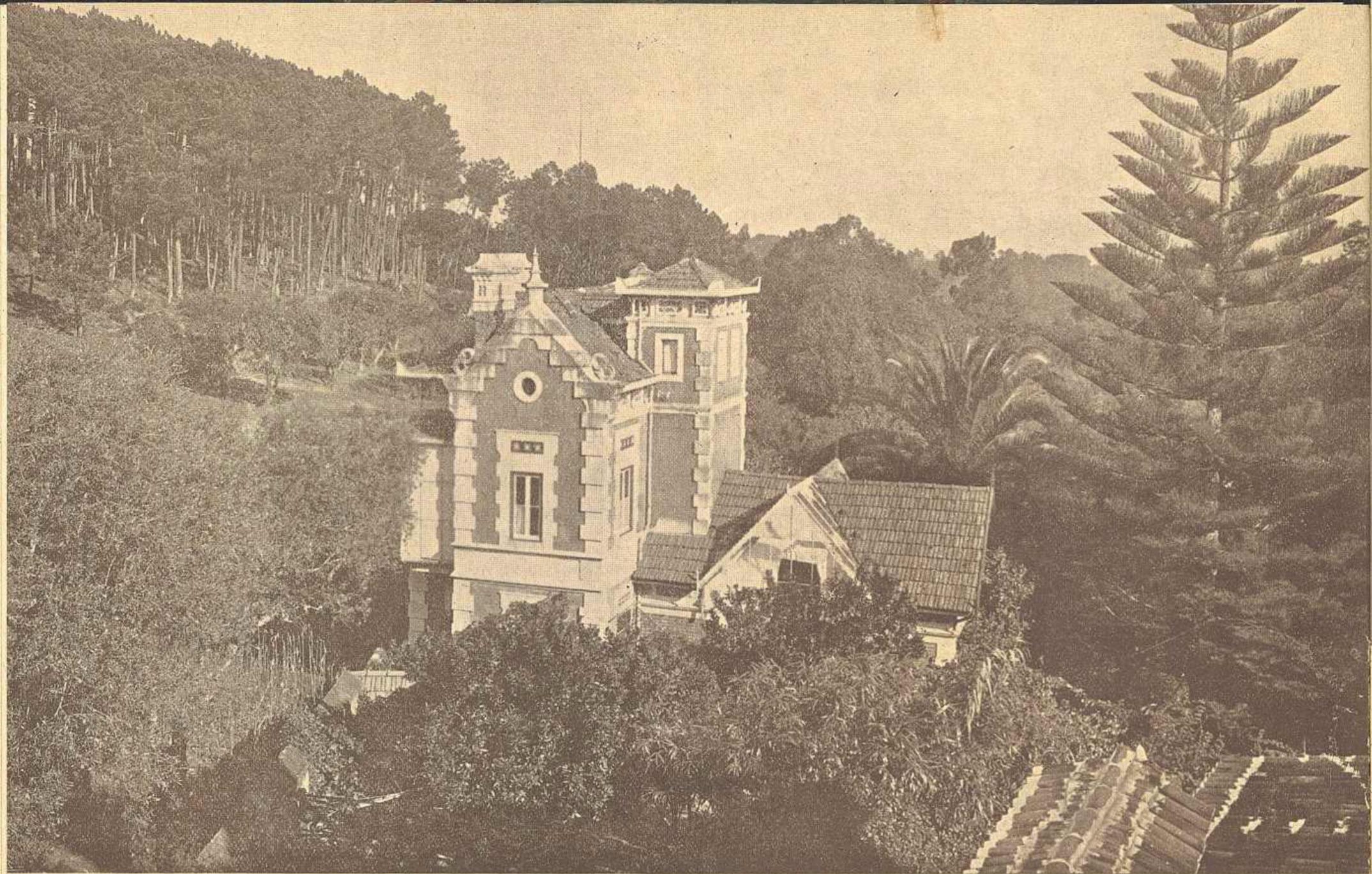
Figueiroenses por nascimento eles votaram à sua terra o seu melhor esforço. Em prol do seu desenvolvimento puzeram a sua mocidade, a sua tenacidade, a sua inteligência.

O-que é que se fez na vila e no concelho de Figueiró dos Vinhos?

Aquilo que passamos a descrever em síntese rápida como convém à índole desta publicação.

\* \* \*

Instalou-se uma central hidro-eléctrica ficando toda a vila esplendidamente iluminada. Calcetaram-se todas as ruas de menor mó-



O "Casulo" — casa onde Mestre Malhõa viveu e morreu

vimento, macadamizando-se e alcatroando-se as principais.

Construíram-se dois jardins públicos segundo projecto de técnicos especializados e um dos quais — o Jardim Parque — com os seus moderníssimos candieiros de iluminação, poderia figurar, sem desdouro, em qualquer cidade de primeira categoria.

Alindaram-se os principais largos e praças da vila, sendo iluminados por colunas com duplos e modernos candieiros. Entre aqueles, merecem especial destaque os que se denominam «António José Pimenta» e «José Malhõa».

Instalaram-se os telefones na vila e nos principais centros rurais, ficando tudo ligado à rede geral do País.

Construiu-se uma estrada municipal da sede do concelho a Campêlo; outra de Aguda à estrada que segue para Pombal; e outra às Fragas de S. Simão.

Repararam-se os caminhos de tôdas as freguesias e entre outros, os de Lavandeira, Carapinhal, Bairrão, Aldeia da Cruz, Alge, etc.

Repararam-se e construíram-se fontes para o abastecimento das povoações de Salgueiro, Aldeia de Ana de Aviz, Lomba da Casa, Aldeia da Cruz, Jarda, Arega, Várzea Redonda, Castanheira, Aguda e Salgueiro da Lomba, etc.

Foi construído um esplêndido edifício para residência dos magistrados.

Reparou-se totalmente o edifício dos Paços do Concelho, que há muitos anos não sofria o menor benefício, executaram-se melhoramentos em todos os edifícios municipais, em tôdas as escolas do concelho, sendo estas dotadas de novo material pedagógico e didáctico, e construíram-se as escolas de Fontão Fundeiro, Bairrão, Arega, Alge e Figueiró, com quatro salas.

Construiu-se o lavadouro da Fonte das Freiras; fez-se a exploração, captação de águas para os novos jardins públicos, mandando-se analisar amudadas vezes as águas que servem para beber.

Instalou-se o posto de identificação policial, e de tal maneira que o funcionário que o executou foi louvado pelo Sr. Dr. Balbino do Rêgo; instalou-se a secretaria judicial; secretaria de finanças; criou-se e instalou-se a Agência da Caixa Geral de Depósitos; demoliu-se o inestético edifício da cadeia e construiu-se um outro em local afastado do centro da povoação.

A ponte sobre o Zézere, na Bairrada e com ela a estrada que liga com a Beira Baixa, por Sernache de Bonjardim, foi finalmente construída também. Repararam-se as estradas de ligação com as linhas de caminho de ferro.

Como consequência disto, surgiu o desenvolvimento do transporte de mercadorias e passageiros, ficando agora a vila de Pombal a menos de hora e meia de percurso.

Figueiró dos Vinhos, senhora de inextinguíveis belezas naturais, foi, finalmente, e muito justamente, elevada a estância de turismo.

Um hospital novo, que será dos melhores da província, está também em via de conclusão e por cada dia que passa, sem um desfalecimento, continuam a surgir novas obras, novos melhoramentos, — destacamos a ampliação dos Paços do Concelho e o abastecimento de águas à vila com distribuição aos domicílios — que são outros tantos factores de progresso, de prosperidade, de aumento e desenvolvimento de turismo, de atracção e encanto.

Eis a obra, a traços largos, obra que se patenteia aos olhos de todos.

Agora que descrevemos a fase de renovação por que passou a vila de Figueiró dos Vinhos, tendo progredido mais em 12 anos, do que nos 100 anos antecedentes, citamos mais uma vez como merecem, os nomes dos figueiroenses a quem se devem todos os benefícios, os Srs. Drs. Martinho Simões, director geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior e Manuel Simões Barreiros,

presidente da Câmara e da Comissão de Iniciativa e Turismo.

Eles puderam levar a bom termo a sagrada missão a que se impuzeram de fazer progredir a sua linda terra — terra que é tão linda que foi escolhida com os seus motivos de beleza rara, para *encadrement* dos quadros e *panneaux* de mestre Malhõa, o genial pintor que em Figueiró viveu tentando reproduzir na tela com a perfeição das suas mãos privilegiadas, as maravilhas que o cercam — a grandiosidade sublime das serranias, o verde forte da vegetação que cresce nos contrafortes dos montes, o espumar rendilhado das águas caindo de penhasco em penhasco, a beleza sã das moças da região.

#### (Nota da 2.<sup>a</sup> Edição — 1938)

A estes factos, relatados em 1933 para a edição que saiu no princípio do ano seguinte, muitos outros decorreram. Novos e constantes progressos materiais tem registado a vila e o concelho. Ampliaram-se os Paços do Concelho que um pavoroso incêndio, inexplicável ainda hoje, destruiu completamente, pouco depois.

Rasgaram-se estradas e caminhos novos, construíram-se fontes, distribuição de água ao domicílio e esgotos, trabalhou-se, enfim, sem cessar, para beneficiar cada vez mais a linda região e o seu povo.

Desapareceu do número dos vivos o Sr. Dr. José Martinho Simões, em plena mocidade — pode dizer-se — e a êsse facto dedicamos noutra lugar desta edição, aquelas justas palavras de enternecida saúde, que a sua respeitada memória nos merece.

Quando da eleição entre os Municípios rurais do centro do país, foi o presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, Sr. Dr. Manuel Simões Barreiros, a figura eleita para os representar na primeira Câmara Corporativa do Estado Novo.

# ATENÇÃO

*Aos itinerários publicados na última página deste «Album» devem ser feitas as alterações seguintes:*

## **Lisboa a Figueiró dos Vinhos por Santarém-Tomar-Barqueiro-Pontão e Figueiró**

Lisboa a Santarém (79.600 m.), Santarém a Tôrres Novas (38.300 m.), Tôrres Novas a Tomar (23.400 m.).

Segue-se a estrada de Coimbra passando por Cabaços, Barqueiro e Pontão. No Pontão deixa-se a estrada de Coimbra e toma-se a de Figueiró que fica a 15.000 m.

Total do percurso — Lisboa, Santarém, Tomar e Figueiró dos Vinhos — **190.000 m.**

## **Coimbra-Figueiró dos Vinhos por Condeixa e Penela**

Coimbra, Santa Clara, Sernache dos Alhos, Condeixa, Penela, Pontão e Figueiró dos Vinhos.

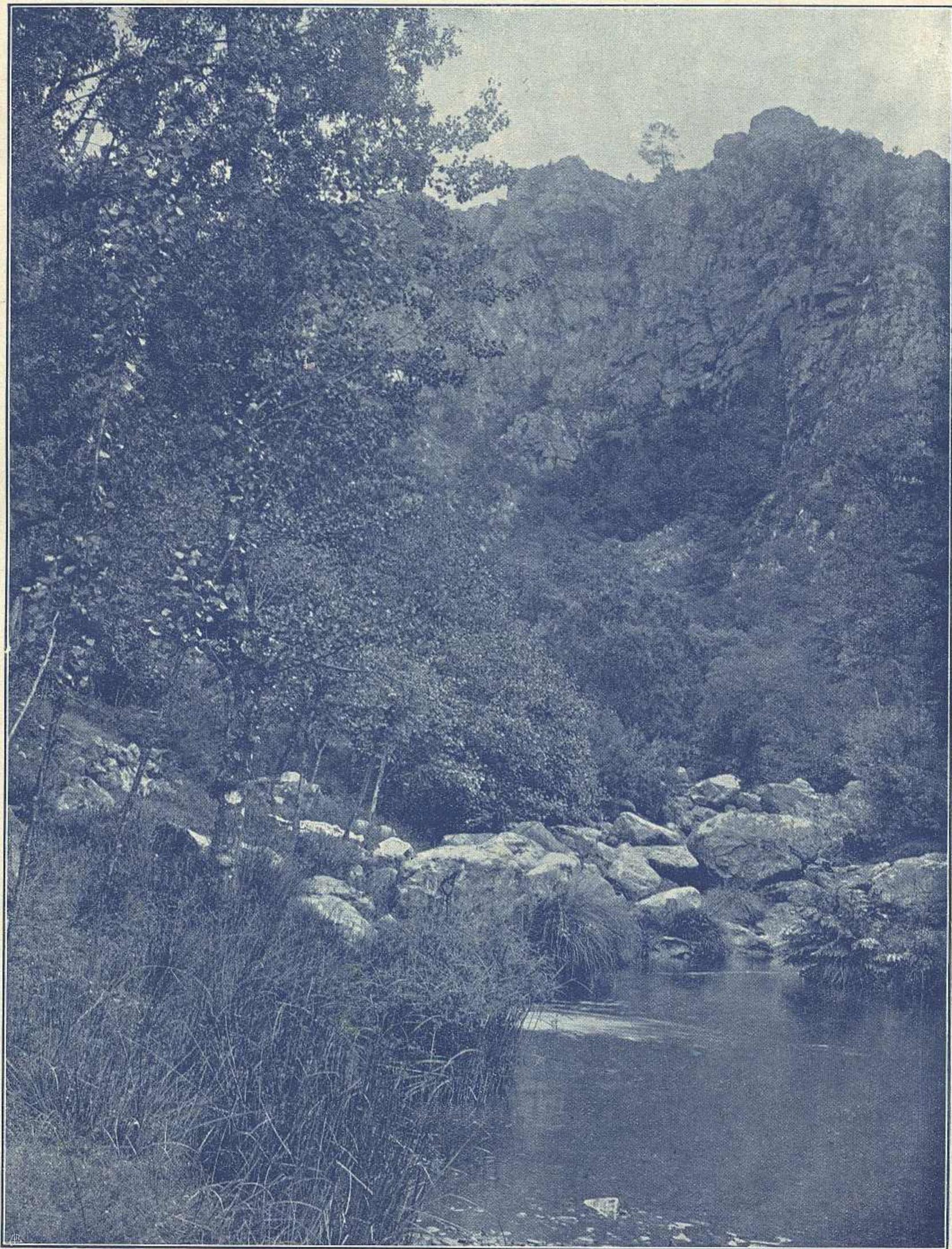
Total do percurso — **63.800 m.**

Ou ainda Coimbra, Santa Clara, Quinta das Lágrimas, Podentes, Bouça, Pontão e Figueiró dos Vinhos.

## **Pôrto-Figueiró dos Vinhos**

Pôrto a Coimbra (117.200 m.). Depois segue-se o itinerário Coimbra, Condeixa, Penela, Pontão e Figueiró dos Vinhos.

Total do percurso — **181.000 m.**



Um aspecto de admirável beleza das fragas de S. Simão

## Itinerários das estradas que do norte, centro e sul do país podem ser utilizadas por automóveis para visita a Figueiró dos Vinhos

### ESTÂNCIA DE TURISMO

#### Lisboa a Figueiró dos Vinhos

por Caldas — Leiria — Pombal e Ancião

Lisboa a Caldas da Rainha — por *Tôrres Vedras e Bombarral* — 99.000 m.

Caldas a Leiria — por *Alcobaça e Batalha* — 56.400 m.

Leiria a Pombal — 27.000 m.

Em Pombal vira à direita e segue-se a Rasmalhais (11.800 m.); a Mogadouro (21.700 m.); e a Ancião (5.500 m.). Em Ancião a estrada continua em frente havendo a 300 metros à esquerda um ramal para Lagarteira; outro à direita, a 6.700 metros para Chão de Couce e Pousa Flôres. 500 metros depois cruza com a estrada de Alvaiázere a Coimbra.

Almofada encontra-se a 9.100 m. de distância de Ancião. Após Almofada segue-se Ana de Aviz a 10.300 m. — Ana de Aviz — Figueiró 4.300 m.

Total do percurso Lisboa-Figueiró — 228 quilómetros.

#### Lisboa a Figueiró dos Vinhos

por Santarém — Tomar — Sernache do Bom Jardim — Ponte da Bairrada — Aldeia Cimeira e Figueiró

Lisboa a Santarém — 79.600 m.

Santarém a Tôres Novas — 38.300 m.

Tôres Novas a Tomar — 23.400 m.

A estrada segue por Calçadas (3.300); Venda Nova (2.100 m.); Pintado (2.200 m.); Vira para a direita 800 m. depois — em frente segue por Alvaiázere, que também pode ser utilizada visto entroncar, no Pontão, com o itinerário anterior.

Vai de Pintado à Bifurcação (1.700 m.); a Aguas Belas (10.300 m.); a Besteira (2.300 m.); Ponte do Zêzere (9.900 m.); Sernache do Bom Jardim (9.900 m.); Ponte da Bairrada (5.400 m.); Aldeia Cimeira (5.100 m.) — e Figueiró.

Total do percurso — Lisboa — Santarém — Tomar — Figueiró — 195.300 m.

#### Coimbra — Figueiró

por Condeixa e Penela

Coimbra — Santa Clara (900 m.); Marviças (4.000 m.); Sernache (4.600 m.); Condeixa (4.400 m.); Rabaçal (11.300 m.). — *Fica Penela à esquerda a (6.100 m.)* — Pombalinho (2.000 m.); Junqueira (5.700 m.) — *à direita vai ao Alvorço, a 500 m.* — Venda do Brasil (2.200 m.) — *Um ramal à direita para S. Tiago, a 3.000 m. e Guarda, a 2.000 m.* — Serzedelo (3.800 m.); Ancião (1.800 m.); Almofada (9.100 m.); Ana de Aviz (10.300 m.); Figueiró (4.300 m.).

Total do percurso — 63.800 m.

#### Coimbra — Figueiró

por Lousã e Castanheira de Pera

Coimbra a Ceira (6.700 m.); Frutuoso (4.200 m.); Foz de Arouce (11.100 m.); Freixo (3.600 m.); Lousã (2.900 m.); Vale de Maceira (8.600 m.); Castanheira de Pera (15.300 m.); Troviscal (400 m.); Figueiró (17.300 m.).

Total do percurso — 70.100 m.

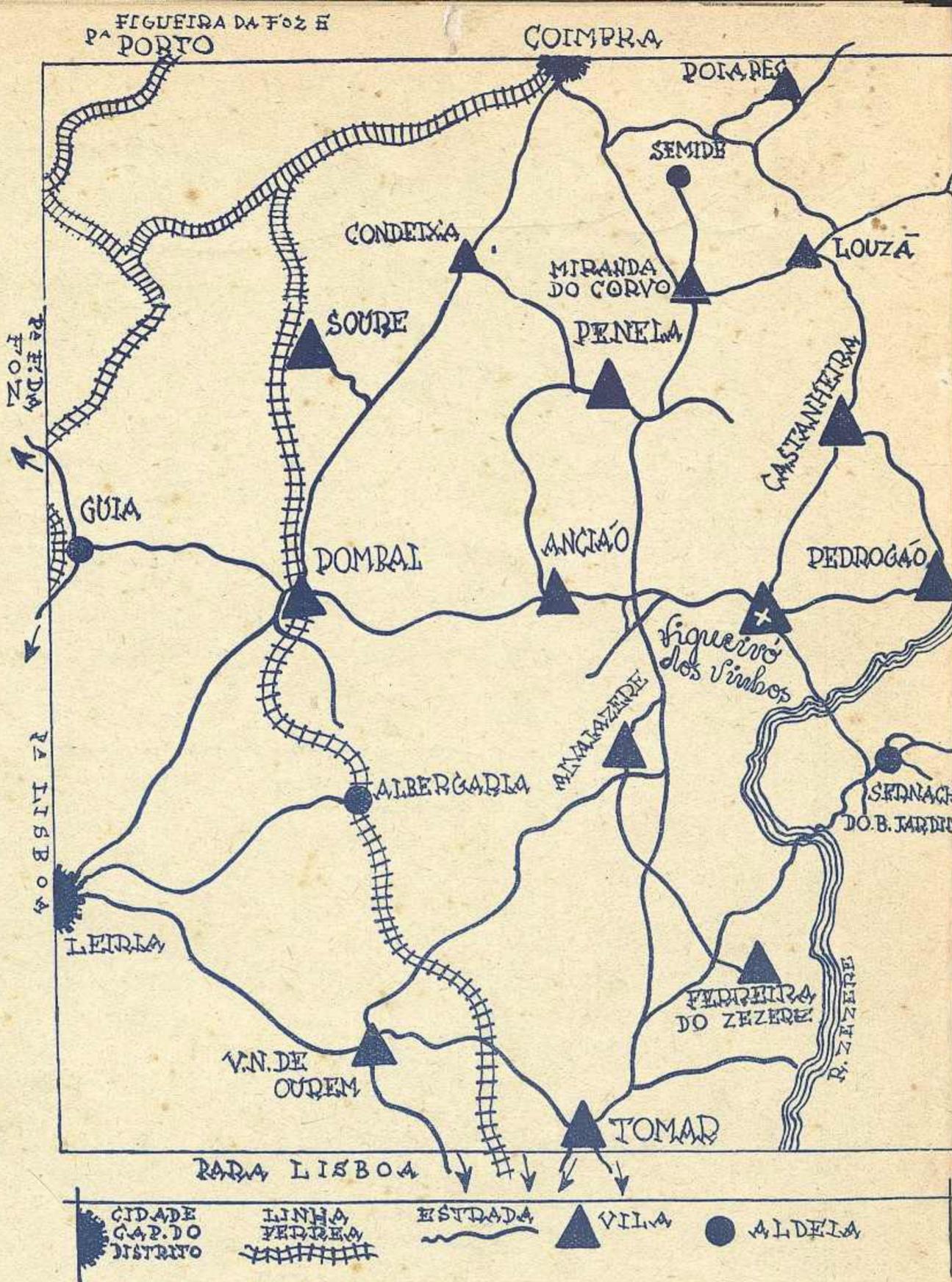
#### Pôrto — Figueiró dos Vinhos

por Pombal e Ancião

Pôrto a Coimbra (117.200 m.); Coimbra a Pombal — *por Santa Clara, Marviças, Sernache, Condeixa, Arriñana, Cartaxo, Venda Nova, Redinha e Venda da Cruz* — (40.800 m.).

De Pombal segue o itinerário fixado no trajecto de Lisboa a Figueiró, por Leiria, num percurso de 45.700 m.

Total do percurso — 203.700 m.



#### Pôrto — Figueiró dos Vinhos

por Coimbra, Condeixa e Penela

Pôrto a Coimbra (117.200 m.); Coimbra a Condeixa — *por Santa Clara, Marviças e Sernache* (13.900 m.); Condeixa a Ancião — *por Rabaçal, Pombalinho, Junqueira, Venda do Brasil e Serzedelo* (26.800 m.). Ancião a Figueiró — (Vidé trajectos anteriores) — 23.700 m.

Total do percurso — 181 quilómetros.

#### Pôrto — Figueiró dos Vinhos

por Coimbra, Lousã e Castanheira

Pôrto a Coimbra (117.200 m.); Coimbra a Lousã — *por Ceira, Frutuoso, Foz de Arouce e Freixo* (29.500 m.).

Lousã a Castanheira de Pera — *por Vale de Maceira* (23.900 m.).

Castanheira a Figueiró — *por Troviscal* (17.700 m.).

Total do percurso — 188.300 m.

#### Castelo Branco a Figueiró

por Proença-a-Nova, Sertã e Sernache do Bom Jardim

Castelo Branco a Taberna Sêca (8.900 m.); Sarzedas (11.500 m.); Monte Gordo (7.600 m.); Catraia Cimeira (6.600 m.); Sobreira Formosa (7.300 m.); Proença-a-Nova (9.300 m.); Maljaga (9.000 m.); Sertã 12.200 m. *Atravessa a ponte — antes à direita, há um ramal para Meixial e Troviscal* — Sertã a Ribeiro (6.400 m.); Sernache do Bom Jardim (2.700 m.); Ponte da Bairrada (5.400 m.); Aldeia Cimeira (2.700 m.) — Figueiró (5.100 m.).

Total do percurso — 94.400 m.

#### Figueira da Foz a Figueiró dos Vinhos

por Marinha das Ondas, Guia e Pombal

Figueira da Foz a Lavos (7.500 m.); Vieirinhas (8.100 m.); Matos do Carrigo (1.900 m.); Guia (4.000 m.); Mata Mourisca (3.500 m.); Pombal (17.800 m.).

Segue por Ancião (Vidé trajecto Lisboa-Figueiró, por Leiria) — 45.700 m.

Total do percurso — 88.500 m.

#### Alvaiázere a Figueiró

Alvaiázere a Barqueiro (6.000 m.) — Barqueiro ao Pontão (6.200 m.).

Segue os trajectos já marcados nos itinerários anteriores.

#### TRIÂNGULO TURÍSTICO

Figueiró — Castanheira — Pedrógão Grande — Figueiró

Figueiró a Troviscal	17.300 m.
Troviscal a Castanheira	400 m.
Castanheira a Derreada	8.800 m.
Derreada a Pedrógão	9.800 m.
Pedrógão a Lameiras	6.600 m.
Lameiras a Soalheira	2.000 m.
Soalheira a Figueiró	7.100 m.
Total do percurso	52 quil.

Esta excursão à região turística de Figueiró dos Vinhos é verdadeiramente encantadora pela paisagem admirável que em toda ela se disfruta. Visitar fábricas de fição em Castanheira de Pera; admirar o Canal do Zêzere, em Pedrógão Grande.

